



Páscoa

Ano 27 | nº 210 maio/junho 2009

ÍNDICE

RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO
INCOERÊNCIA CATÓLICA
PÁG 03

LEIGO DEPÔE SOBRE PADRE CASADO
PÁG 04

A ARMADA DO PAPA
PÁG 05

SE FOR CASAR, ESCOLHA BEM
PÁG 06

ORAÇÃO DO PAI NOSSO
A MELHOR RELIGIÃO
PÁG 07

BALEIA E BORBOLETA
PÁG 09

ENTREVISTA DE FELIX SOBRE
ASSEMBLÉIA DA CNBB
PÁG 11

PADRE ANUNCIA SEU CASAMENTO
JESUITA AMERICANO
É CENSURADO POR ROMA
PÁG 12

MPC UNE-SE À ANPB
PÁG 13

PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA
PÁG 15



"Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas." (Isaías 53.6a)

Há muitos caminhos trilhados pelas ovelhas. Se a elas for permitido, cada uma seguirá a direção que considerar melhor. Atalhos, precipícios, trilhas ingrimes, curtas, longas, secas ou úmidas. As ovelhas seguem a partir de suas escolhas e deixam lugares seguros e marcados pela companhia do rebanho. São capazes de esquecer seu próprio guia e expor-se aos perigos e as ciladas da jornada.

Na Semana Santa, particularmente, somos convidados a olhar para o Pastor e Cordeiro de nossas almas, Jesus. Abrir o coração e ouvir a sua

voz é um desafio para todos aqueles que dizem segui-lo. Seu sacrifício na cruz, suficiente para cobrir as multidões de nossos pecados, torna-se eficaz quando desejamos Sua proteção e Seu refúgio. Somente quando entendemos a direção a seguir é que podemos ter a certeza de que estamos no centro de sua vontade, pois Ele é o Caminho.

Não fique longe. Volte. Busque aproximação para experimentar nEle a remissão dos pecados e deixar para trás a solidão e o sentimento de culpa. Em Cristo, a certeza de uma nova vida é mais que uma possibilidade. É uma certeza.

Rev. Sérgio Andrade - Deão da Catedral Anglicana da Santíssima Trindade - Recife - PE

**É hora de assinar
ou renovar RUMOS!!!**

SAUDAÇÃO DE PÁSCOA

Clélia, da Argentina

"Hoje, como em todas as Páscoas vividas com Jerônimo ao meu lado, quero compartilhar junto com todos vocês o profundo desejo, de coração, que o Espírito sempre nos ilumine. Que ele seja nossa força. Que ele nos mantenha sempre unidos para podermos dar testemunho com nossas vidas do dom gratuito que recebemos, como o de descobrir e amadurecer em nós o mistério da criação homem-mulher integrados num compromisso de vida e de união profunda no Espírito.

A meus irmãos argentinos, a meus irmãos latinoamericanos e a meus irmãos unidos na Federação Internacional: quero chegar a todos com esta mensagem de Páscoa para que, agradecendo este dom, o vivamos com a alegria do Espírito; e que nunca nos permitamos baixar os braços, porque nosso caminho é profético. Não deixemos morrer a profecia porque a mensagem de Jesús é a profecia que anuncia sempre a libertação".

(Tradução de Gilberto Luiz Gonzaga)





EDITORIAL



Maio, mês mariano (Nossa Senhora de Fátima), mês das mães (dia 10), mês das noivas.

Mês do nosso Jornal Rumos na edição 210. Já é uma heróica e vitoriosa caminhada...

Ele pôde vir à luz com a ajuda de novos assinantes; e sócios da AR.

E com a preciosa ajuda de vários colaboradores, autores de oportunas matérias.

Algumas nem obtiveram "vaga" nesta edição...

Os prezados leitores(as) observarão que nesta edição há uma carga significativa de temas sobre o celibato obrigatório dos padres católicos do rito latino.

Justifica-se pela ênfase mundial que este tema tem assumido ultimamente. E não só dentro dos círculos eclesiais. Basta ler a mídia nacional e internacional. Novos casos de padres pedófilos. De outros padres da ativa que abertamente comunicam seu desligamento para assumir o amor a uma mulher no casamento. Até os comentários internacionais sobre a paternidade do

bispo Fernando Lugo, atual presidente do Paraguai.

Nosso jornal Rumos une-se a esse "brado universal" em prol da liberalização do celibato opcional para os atuais padres e para os futuros candidatos ao sacerdócio. Além da volta ao ministério dos padres casados que desejarem voltar.

Já está tardando demais - faz 20 séculos! - para o Vaticano voltar às origens de nossa Igreja católica, desde os tempos de Jesus Cristo, em que os padres e bispos católicos na sua quase totalidade eram casados. Que o Espírito Santo acelere esse momento tão justo e aguardado.

A Diretoria aguarda a adesão de novos assinantes e a renovação de assinatura daqueles que ainda não o fizeram neste ano. Ou melhor ainda: adesão à AR - Associação Rumos. Em especial das centenas de colegas que estão recebendo o jornal eletrônico via internet.

E que Cristo ressuscitado revitalize nossas vidas e toda a sociedade vítima de tantas crises!

Gilberto Luiz Gonzaga

Carta do Presidente aos leitores

Os bispos brasileiros reunidos na 47ª Assembleia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em Indaiatuba, São Paulo, mais uma vez fechando os olhos para todo tipo de argumentação e evidências cada vez mais claras, voltaram a defender a obrigatoriedade do celibato na vida sacerdotal. Jogase para debaixo do tapete - como sempre - uma boa oportunidade de discussão séria sobre a questão da imposição do celibato e suas consequências, muitas vezes trágicas, para a vida da Igreja Católica Romana no Brasil e no mundo.

Fico imaginando até quando a hierarquia vai continuar mantendo - ou tentando a todo custo manter - esse frágil discurso da necessidade do celibato como modelo de padre e "imitação do estilo de vida de Jesus Cristo", como se apressou em defender um arcebispo presente ao encontro. Todos sabem que a imposição do celibato tem raízes históricas, sem nenhum argumento teológico ou bíblico que o sustente, muito menos como condição para quem deseja obter as sagradas ordens.

Não condeno o celibato, mas sim sua imposição. Admiro quem o abraça livremente, por opção, e procura vivê-lo intensamente, como sinal de doação. Acredito que teremos muito a contribuir e dialogar confrontando nossas vidas de casado com a dos colegas solteiros. O ministério de uns complementando o trabalho de outros.

Mas sempre recusei a hipocrisia. Nunca aceitei as condições e o tratamento dispensados aos sacerdotes que deixam o ministério para casar. Nunca entendi a exclusão e a tentativa de colocá-los como traidores da missão e outras termos que nos foram atribuídos pela hierarquia.

Ao deixar o ministério disse ao arcebispo - e ele logicamente não gostou - que a hierarquia condenava os que de uma forma honesta deixavam o ministério para casar e constituir uma família, enquanto promoviam a monsenhores e bispos aqueles que levavam uma vida dupla. Uma triste realidade os casos de padres da ativa que permanecem no ministério mas, na verdade, levam uma vida ativa sexualmente, até com filhos e esposas clandestinas.

Penso - não há como não comentar - o caso do bispo Lugo, eleito presidente do Paraguai em eleição histórica, derrotando uma oligarquia que estava no poder há mais de 20 anos. Por mais de dez - pelo menos é o que dizem os noticiários - viveu com uma mulher de quem tem um filho. Sem falar nos outros casos que apareceram estimulados pela divulgação na mídia. O bispo Lugo durante todos estes anos, como muitos, nunca se desligou oficialmente da Igreja Romana. Viu e teve todas as benesses

dos cargos clericais.

Não condeno o bispo Lugo. Ele é mais uma vítima do celibato obrigatório e da hipocrisia que ronda este tema, principalmente quando tratado pela cúpula da Igreja romana. Lugo certamente não é o único bispo do mundo que tem filhos ou mulheres. Certamente não é o único membro do clero com problemas com o celibato. Sabemos, e os escândalos se multiplicam pelo mundo afora, de casos de pedofilia e homossexualismo.

Não posso deixar de comparar, aqui, com a atitude de inúmeros padres casados - mais de 150 mil em todo o mundo - que assumiram livremente e com coragem uma nova opção de vida. Por isso mesmo sofreram todas as incompreensões possíveis. Muitos até, em épocas remotas, foram obrigados inclusive a deixar o lugar onde moravam, e buscar abrigo noutras paragens para não causar escândalo. Ficam impedidos, segundo o Código de Direito Canônico, até mesmo de fazer uma simples leitura da Bíblia numa missa. Tudo em nome do nem sempre santo celibato.

Penso também no bispo Jerônimo Podestá, grande profeta do nosso Movimento de Padres Casados. Tive a honra de conhecê-lo e de conviver quando das suas visitas ao Recife, junto com sua esposa Clélia, nas visitas que fazia regularmente ao amigo Hélder Câmara. Um homem que não teve medo de assumir perante o Vaticano seu amor por Clélia e

que, por isso mesmo, sofreu todo tipo de discriminação e perseguição, inclusive da ditadura que se instalou na década de 1970 na Argentina. Nunca perdeu sua fé nem tampouco negligenciou a responsabilidade que tinha como líder de milhares de padres casados na América Latina.

Lembro de uma conversa que tivemos com Dom Hélder Câmara, na sua casinha nos fundos da Igreja das Fronteiras, quando Clélia Podestá pegou minhas mãos e disse: "lembra, Dom Hélder, você consagrou este padre". E ele respondeu: "Sim, e não me arrependo!". Clélia insiste: "Mas ele não pode mais celebrar". E Dom Hélder profeticamente afirma: "Já chegará este dia!".

Apesar da falta de coragem e da falta de profetismo dos bispos brasileiros reunidos em Itaici, acredito que o celibato obrigatório está com os dias contados. Vai cair de podre. Não tem mais sustentação. Nossa missão, como Movimento das Famílias de Padres Casados, é preparar o futuro. Fazer valer a nossa vocação, que vem de Deus e que nenhuma lei humana pode impedir. Nem mesmo os que se arrogam a serem donos do Espírito de Deus.

Félix Batista Filho - Presidente Nacional da Associação Rumos/Movimento das Famílias dos Padres Casados (MPC).

CARTA AO PAPA BENTO XVI

A Federação Latinoamericana para a Renovação dos Ministérios, membro da Confederação Internacional dos Sacerdotes Católicos Casados, saúda ao irmão em Cristo Bento XVI e lhe expressa alguns pensamentos que surgiram durante sua permanência no governo da Igreja Povo de Deus.

1. Débil impulso aos ensinamentos do Concílio Vaticano II, herança do papa João Paulo II.
2. Ruptura do regulamento ao nomear santo a José Maria Escrivá em pouco tempo do requerido.
3. Distanciamento da opção preferencial pelos pobres do terceiro mundo.
4. O ecumenismo só ficou na declaração e na política.
5. Condenação à teologia e aos teólogos da libertação. Em compensação suspensão da excomunhão ao bispo Lefebvre e seus seguidores.
6. Apoio ao Opus Dei e à sua doutrina tridentina.
7. Percebe-se um ambiente de inquisição e temor, e não de amor e misericórdia.
8. Existe uma divisão interna na Igreja Povo de Deus. Na América Latina há pelo menos umas 12 Igrejas Católicas não vaticanas.
9. Mantem-se o celibato não opcional. Em compensação se oculta a pedofilia existente no clero.
10. O profetismo na Igreja está controlado pela doutrina vaticana.
11. O Vaticano tomou o controle das Conferências Episcopais do mundo católico.

Rogamos a Jesus para que com seu Espírito acompanhe o barco de Pedro.

EQUIPE DE QUITO - EQUADOR

O JORNAL RUMOS é uma publicação bimestral da Associação Rumos/Movimento das Famílias dos Padres Casados do Brasil (MFPC). A Associação Rumos é uma sociedade civil de direito privado, de âmbito nacional, com finalidades assistenciais, filantrópicas, culturais e educacionais, sem fins lucrativos.

Diretoria Executiva da Associação Rumos:
bienio 2008/2009

Presidente: Félix Galvão Batista Filho
Vice-Presidente: Francisco de Oliveira Rocha
1.º Secretário: Cristiane Maria Gonçalves Crespo
2.º Secretário: Brian Eyre
1.º Tesoureiro: Mathew Oliver Hande
2.º Tesoureiro: Isaac Leon Braun

Conselho Gestor da AR/ Movimento das Famílias dos Padres Casados:

Coordenador da Assessoria Jurídica:
Francisco Marcelino Muniz de Medeiros
Coordenador da Comissão de Teologia:
Francisco Salatiel de Alencar Barbosa
Coordenador da comunicação externa:
José Vicente Andrade
Delegados internacionais:
Jorge Ponciano (titular)
Luiz Guerreiro e Irene Orthieb (suplentes)
Moderador do E-Grupo: João Tavares
Coordenadores do Encontro Nacional de Ribeirão Preto/ Janeiro de 2010:
Mário Palumbo e Margarida Toledo Palumbo
Diagramação: Rodrigo Maierhofer Macedo

JORNAL RUMOS:

Coordenador do Conselho Editorial do Jornal Rumos: Gilberto Luiz Gonzaga

Jornalista Responsável: Mauro Queiroz (MTB 15025)

Correspondência: artigos, comunicações, artigos, sugestões e críticas devem ser dirigidos para o e-mail: gilgon@terra.com.br de Gilberto Luiz Gonzaga, Porto Belo SC, fone 47-33694672

Os textos assinados não representam necessariamente a opinião do jornal e são de inteira responsabilidade de seus autores.

Assinatura anual:

Assinatura anual: R\$ 30,00 (trinta reais)

Pagamento pelo BANCO DO BRASIL - Agência 3243-3 - Conta 21077-3

Comunique imediatamente, através de e-mail, ao nosso tesoureiro Mateus Hande: matthande@hotmail.com

Ou por carta para Mateus Hande: Rua Engenheiro Teófilo de Freitas, 30, aptº 402, Derby - Recife-PE. CEP 52.010-190

Associação Rumos:

anuidade de sócio - R\$ 120,00 (Centro e Vinete Reais) com direito a assinatura do jornal Rumos

contribuição para um fundo de ajuda mútua - a partir de R\$ 1,00 por mês;

Pague sua anuidade exclusivamente através de depósito bancário no

BANCO DO BRASIL - AGÊNCIA 0299-2 - CONTA 33.624-6

Remeta cópia do comprovante para Mateus Hande: Rua Engenheiro Teófilo de Freitas, 30, aptº 402, Derby - Recife-PE. CEP 52.010-190

O site do MPC está na fase de "gestação".

No entanto contamos com o site www.oraetlabora.com.br, do colega Mário Palumbo, organizador do próximo Encontro das Famílias dos Padres casados, em Ribeirão Preto SP.

Nele encontram-se artigos excelentes e atuais, de interesse principalmente para os padres casados e demais pessoas cristãs. Entre tantos, citamos três:

1 - Eucaristia Silenciosa

2 - No prazer sexual tem algo que nos une ao prazer de Deus?

3 - Canonização - Laurence Freeman

oraetlabora
OS CRISTÃOS

oraetlabora

RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO

1. Escritores há, mesmo em nossos dias, que tentam convencer seus leitores de que Jesus não morreu na cruz. Alegam como argumento o fato de que um crucificado não morre tão depressa. Pois a perda de sangue costuma ser pequena. Crucificados costumam morrer por asfixia em virtude de uma tetanização generalizada do organismo todo.

Daí se segue como corolário indissociável que sua ressurreição também não aconteceu. Se o que Nicodemos e José de Arimatéia desceram da cruz e depositaram numa sepultura não foi um cadáver, mas o corpo ainda vivo

de Jesus, então tanto a notícia da sua ressurreição como as suas aparições fazem parte de uma bem armada e bem sucedida armação teatral.

2. Os apóstolos sabiam que estavam sendo acusados de impostores e falsários. Em seus relatos sobre as aparições de Jesus o evangelista São João, que com certeza foi testemunha ocular do que descreve, insiste em ressaltar o esforço de Jesus procurando convencer os discípulos atordoados de que sua morte na cruz foi real e que sua ressurreição é tudo menos o resultado de uma artimanha bem montada.

Na primeira noite após a

ressurreição Jesus apareceu aos discípulos reunidos no Cenáculo. O apóstolo Tomé não se achava presente. Quando os demais lhe disseram: "Vimos o Senhor", Tomé lhes retrucou, dizendo: "Se não lhe posso meter a mão no lugar dos cravos e na cicatriz em meu peito, não vou acreditar!"

Oito dias depois Jesus lhes apareceu novamente. Chamou à parte Tomé, dizendo-lhe: "Dá-me o teu dedo e o coloca no lugar onde estiveram os cravos e dá-me a tua mão e a coloca no lugar do meu peito rasgado pela lança!". À profissão de fé de Tomé Jesus respondeu:

"Tomé, creste porque viste! Felizes os que não viram e contudo creram!"

3. Jesus fez questão de convencer os discípulos de que o corpo que estavam vendo e tocando era o mesmo que tinham conhecido antes.

Se a nossa ressurreição for idêntica ou ao menos parecida com a de Jesus então é preciso ressaltar um detalhe: "O corpo de Jesus não teve tempo de se decompor antes de retornar à vida. Mas o corpo da maioria dos cristãos que acreditam na sua própria ressurreição não entendem como um punhado de cinzas pode ser o invólucro imortal de

uma alma espiritual.

A crença de que após a morte o que resta do corpo é apenas um punhado de cinzas é falsa. A morte desagrega o corpo, mas não destrói os seus componentes. Átomos e moléculas que já estiveram unidos alguma vez continuam unidos e guardam a lembrança desta união para sempre. Por mais distantes que se encontrem uns dos outros persiste em ambos a capacidade de se encontrar com o outro a qualquer instante.

É sobre esta premissa científica que devemos construir o edifício da "Comunhão dos Santos" dos teó-

logos. Devemos admitir que a natureza se antecipou à mente do homem, preparando o terreno para o espaço imensamente amplo que o espírito do homem vai precisar para desdobrar plenamente todas as suas potencialidades criadoras.

O espaço que uma alma humana vai necessitar para atingir o pleno desabrochar de todas as suas imensas e ilimitadas potencialidades criadoras é o mesmo que o universo todo reclama para si. Mais. É idêntico ao que o Criador do universo pretende ocupar juntamente com o Homem!

Pe. Marcos Bach SJ

PÁSCOA DE SÃO BENTO

São Gregório Magno, biógrafo de São Bento, narra que o jovem interiorano, Bento, tendo ido estudar em Roma desgostou-se pelos maus costumes que grassavam na Urbe, decidiu então retirar-se na solidão da vida heremítica e lá habitou consigo, na bela e concisa expressão do papa Gregório. Nos três anos de vida totalmente solitária perdera a noção do tempo.

Era Páscoa. Um sacerdote de uma aldeia vizinha, após as celebrações litúrgicas da solenidade estava preparando a sua refeição. Ao pôr-se à mesa, escutou uma voz que dizia: "Enquanto você está comendo o meu servo Bento passa fome". Imediatamente, pegou a refeição e se colocou a caminho, sem saber aonde ia; assim chegou até à gruta onde Bento vivia. Ao ver o ermitão gritou: "Bento servo de Deus, hoje é a Páscoa do Senhor vamos festejar e comer". Bento, sem ter noção do calendário exclamou: "Sim, é Páscoa por que encontrei você". São Gregório conclui a narração dizendo: "Você viu um irmão, você viu o Senhor". Após o padre ter descoberto o Santo Eremita, começou uma verdadeira peregrinação de pessoas para encontra-se com Bento, ao ponto que, saindo da solidão da gruta onde vivia, fundou 12 mosteiros na redondeza. A grande influência do Santo sobre o povo suscitou o ciúme do clero local, que, por 3 vezes tentou matá-lo enviando comida envenenada.

Esta anedota presta-se para uma reflexão:

Primeiro - A História da Humanidade repete-se em formas diferentes ao longo dos séculos e dos milênios;

Segundo - Quem quiser realizar alguma coisa em benefício dos ou-



tros, em primeiro lugar, deve encontrar a si mesmo: Habitar consigo. Há vários métodos para isso, um destes é, com certeza, a meditação silenciosa diária;

Terceiro - Não há necessidade e nem sempre é possível fugir do turbilhão da vida moderna, mas é sempre possível encontrar diariamente alguns momentos de silêncio e solidão para si mesmo que venham a abastecer as energias espirituais;

Quarto - A abertura para com os outros e o olhar amoroso para tudo que nos circunda é uma consequência da paz interior;

Quinto - Esta paz interior será o ímã que vai atrair a comunidade em volta de nós, seja nesta caminhada terrena, seja junto ao Pai (o padre De Foucauld morreu sozinho no deserto do Saara, mas, após sua morte surgiram várias comunidades que vivem o seu ideal). Quem chama e cria comunidade não somos nós, mas sim o Espírito Santo que sopra onde Ele quer e como Ele quer.

Esta reflexão, acredito ser muito importante para quem quiser seguir o caminho de Jesus, e nele com todas as criaturas que habitam o universo.

Mário Palumbo

INCOERÊNCIA CATÓLICA

Os males que a igreja causa em nome de Deus vão muito além da excomunhão de médicos.

Aos colegas de Pernambuco responsáveis pelo abortoamento na menina de nove anos, quero dar os parabéns. Nossa profissão foi criada para aliviar o sofrimento humano; exatamente o que vocês fizeram dentro da lei ao interromper a prenhez gemelar numa criança franzina.

Apesar da ausência de qualquer gesto de solidariedade por parte de nossas associações, conselhos regionais ou federais, estou certo de que lhes presto esta homenagem em nome de milhares de colegas nossos.

Não se deixem abater, é preciso entender as normas da Igreja Católica. Seu compromisso é com a vida depois da morte. Para ela, o sofrimento é purificador: "Chorai e gemei neste vale de lágrimas, porque vosso será o reino dos céus", não é o que pregam?

É uma cosmovisão antagônica à da medicina. Nenhum de nós daria tal conselho em lugar de analgésicos para alguém com cólica renal.

Nosso compromisso profissional é com a vida terrena, o deles, com a eterna. Enquanto nossos pacientes cobram resultados concretos, os fiéis que os seguem precisam antes morrer para ter o direito de fazê-lo.

Podemos acusar a Igreja Católica de inúmeros equívocos e de crimes contra a humanidade, jamais de incoerência. Incoerentes são os católicos que esperam dela atitudes incompatíveis com os princípios que a regem desde os tempos da Inquisição.

Se os católicos consideram o embrião sagrado, já que a alma se instalara no instante em que o espermatozoide se esgueira entre os

poros da membrana que reveste o óvulo, como podem estranhar que um prelado reaja com agressividade contra a interrupção de uma gravidez, ainda que a vida da mãe esteja em perigo extremo?

O arcebispo de Olinda e Recife não cometeu nenhum disparate, agiu em obediência estrita ao Código Penal do Direito Canônico: o cânon 1398 prescreve a excomunhão automática em caso de abortamento.

Por que cobrar a excomunhão do padrasto estuprador, quando os católicos sempre silenciaram diante dos abusos sexuais contra meninos, perpetrados nos cantos das sacristias e dos colégios religiosos? Além da transferência para outras paróquias, qual a sanção aplicada contra os atos criminosos desses padres que nós, ex-alunos de colégios católicos, testemunhamos?

Não há o que reclamar. A política do Vaticano é claríssima: não excomunga estupradores.

Em nota à imprensa a respeito do episódio, afirmou Gianfranco Grieco, chefe do Conselho do Vaticano para a Família: "A igreja não pode nunca trair sua posição, que é a de defender a vida, da concepção até seu término natural, mesmo diante de um drama humano tão forte, como o da violência contra uma menina".

Por que não dizer a esse senhor que tal justificativa ofende a inteligência humana: defender a vida da concepção até a morte? Não seja descarado, senhor Grieco, as cadeias estão lotadas de bandidos cruéis e de assassinos da pior espécie que contam com a complacência piedosa da instituição à qual

o senhor pertence.

Os católicos precisam ver a igreja como ela é, aferrada a sua lógica interna, seus princípios medievais, dogmas e cânones.

Embora existam sacerdotes dignos de respeito e admiração, defensores dos anseios das pessoas humildes com as quais convivem, a burocracia hierárquica jamais lhes concederá voz ativa.

A esperança de que a instituição um dia adote posturas condizentes com os apelos sociais é vã; a modernização não virá. É ingenuidade esperar por ela.

Os males que a igreja causa à sociedade em nome de Deus vão muito além da excomunhão de médicos, medida arbitrária de impacto desprezível. O verdadeiro perigo está em sua vocação secular para apoderar-se da maquinária do Estado, por meio do poder intimidatório exercido sobre nossos dirigentes. Não por acaso, no presente episódio manifestaram suas opiniões cautelosas apenas o presidente da República e o ministro da Saúde.

Os políticos não ousam afrontar a igreja. O poder dos religiosos não é consequência do conforto espiritual oferecido a seus rebanhos nem de filosofias transcendentais sobre os desígnios do céu e da terra, ele deriva da coação exercida sobre os políticos.

Quando a igreja condena a camisinha, o aborto, a pílula, as pesquisas com células-tronco ou o divórcio, não se limita a aconselhar os católicos a segui-la; instituição autoritária que é, mobiliza sua força política desproporcional para impor proibições a todos nós.

DRAUZIO VARELLA



ACESSO AO MATRIMÔNIO DOS CLÉRIGOS CATÓLICOS

A pública "livre renúncia" de sacerdotes e bispos ao voto de castidade e celibato merece alguma explicação humana e teológica católica ao povo cristão em particular. Ante o normal silêncio das autoridades eclesásticas, me atrevo a dizer o seguinte a partir de minha autêntica consciência sacerdotal.

1) Relativamente eram poucos, muito poucos os clérigos de ordens sagradas maiores que antes do Concílio Vaticano II se "atreviam" escandalosamente a renunciar ao celibato para formar "sacriligamente" uma família. Eram automaticamente excomungados.

2) Depois deste Concílio no qual "se proibiu" pelo Papa Paulo VI tratar desse tema, milhares de sacerdotes optaram pelo direito natural de formar uma família, mesmo quando a Igreja católica lhes proibia para sempre o exercício do ministério sagrado. Alguns, através de complicadas atuações jurídicas canônicas obtiveram a licença para "receber o sacramento do matrimônio", porém com a inabilitação perpétua de seu ministério.

3) Atualmente se calcula em mais de 150.000 os clérigos inabilitados dentro de um total de mais ou menos 450.000 ativos em toda a nossa igreja latina.

4) Formaram-se organizações de "Padres casados" em vários países. E em participam ativamente milhares deles na Argentina, Paraguai e especialmente no Brasil.

5) O celibato obrigatório faz anos que está em crise. Não há argumentos teológicos suficientes para exigí-lo como condição necessária para obter o ministério sagrado.

Historicamente se sabe que a Igreja católica não exigiu tal obrigação durante séculos; e ainda não o exige na Igreja católica de rito oriental, que é nossa mesma Igreja.

6) Depois do Concílio de Trento no século XVI se exigiu claramente o celibato "obrigatório" unicamente para os católicos do rito latino, até nossos dias.

7) Para as supremas autoridades do Vaticano nunca foram problemas as perdas de membros sacerdotais; nem os delitos de

pedofilia por parte de sacerdotes, bispos e arcebispos, como ultimamente se publicaram.

8) Houve grandes problemas curiais com a renúncia ao celibato por parte de alguns bispos, como no caso do eminente Arcebispo de La Plata, Jerônimo Podestá. No Brasil também alguns bispos se casaram. No Paraguai, o Presidente Fernando Lugo é um bispo (e não ex-bispo). Foi "graciosamente" reduzido ao estado laical, podendo mesmo casar-se sacramentalmente.

Caso único na Igreja latina).

9) No caso de bispos, mesmo quando ficam suspensos oficialmente de seu ministério episcopal, permanecem sempre bispos e portanto podem ordenar, ilícita porém validamente, sacerdotes e até novos bispos, de acordo com a lei canônica. Foi o caso tão polêmico de Lefebvre que consagrou quatro novos bispos.

10) O público católico perguntará: por que tanto problema com o celibato? O que diz Cristo a respeito? O que se oculta atrás desta obrigação medieval que marginaliza tantos padres que sentiram a vocação ao ministério da pregação evangélica, aos quais se impõe uma obrigação que nunca exigiu o Supremo Mestre? Que de "mal" tem o matrimônio para tanto castigo?

11) CONCLUSÃO: o Vaticano II chama a Igreja: Povo de Deus. Por que não se consulta o povo de Deus a respeito? Cristo disse: "quem quer mandar que sirva aos outros"... "Pedro, deixa tua espada". "A verdade vos libertará". "A fé afasta o temor" (São Paulo). Padre José Amado Aguirre



EDUCAÇÃO HORIZONTAL

Apresento-me como membro da Raça dos ex's. Farei a assinatura do Jornal Rumos. Foram muitas notícias que recebi pelo jornal eletrônico. Penso que está na hora de realizar maior união entre nós. Somos número elevado de batalhadores por uma causa.

O editor Gilberto pediu artigos para o Jornal. No meu site: www.educacaoodesafio.cjb.net. encontraré vários artigos que publiquei no Jornal do Brasil. Alguns foram republicados por entidades respeitáveis no campo da educação.

Adoto a Educação Horizontal. São 52 anos de labuta em prol de um novo sistema educacional. O Sistema Vertical vigente penso que está falido.

Proponho a Educação Horizontal.

Tenho cinco livros que tratam da prática do novo sistema. Apliquei as técnicas em quase todos os campos da convivência humana. Os resultados foram sempre extraordinários.

Antônio Luiz Bianchessi

LEIGO DEPÕE SOBRE PADRE CASADO

Amigo Gilberto. Hoje vou "meter a colher" no prato alheio!

Muito se tem falado sobre os "padres casados", mas pouco se tem perguntado aos "laicos", aos "não padres" ou alheios ao sacerdócio", (se é que isto existe...) o que eles pensam.

Bem, mesmo que tu não tenhas perguntado, vou te dizer...

Sou, como sabes, ex-seminarista seráfico, origem de minha formação religiosa; uma vez que fé, a trago de casa; aquela fé de mamãe, implantada no convívio com uma mulher temente a Deus e que me trouxe ao mundo.

Acredito que a religião decorre da busca do homem por um meio de facilitar seu "encontro" com o criador, mantendo-o preparado para isto, para o "segundo tempo"!

Basicamente, a se considerar este "preparo", as religiões não se diferem muito: Todas pretendem preparar o "caminho", para o "depois desta vida". Todas se consideram "donas" da verdade. Únicas verdadeiras; únicas santas...

Então... onde estaria a verdade sobre o casamento? No seguimen-

to natural das exigências humanas: Permanência sobre a face da terra, do elemento humano, afinal não tão diferente dos outros animais; sua reprodução "ad aeternum". A reprodução está no mesmo nível do saciar a fome, do ter saúde, do ter abrigo. O homem tem o pesado fardo de manter-se existindo no planeta, embora às vezes ele se esqueça disto e se mate em guerras estúpidas e sem sentido e, pior, mantidas por elementos religiosos, como o Bush!

Cabe, pois, a cada ser "pensante" a escolha de sua religião; daquela que melhor preenche seus anseios de "comunhão - do religião" - isto é, religiosos, de tal sorte que, aos chegar o temido momento, tenha o amparo pretendido, para "ir para o céu"... submeter-se ao julgamento do Criador, etc., etc.

Buscando nas mais diversas correntes religiosas, encontramos o celibato, nos monastérios orientais e no sacerdócio católico, embora entre ambos haja grandes diferenças. Mas, como disse acima, quero me manifestar como estranho ao problema: como casado,

pai e avô, e sem nunca ter sido padre. (ainda que quase...).

O celibato é coisa de papa... Teria sim, o papa, representando a religião católica, que se preocupar com os seus seguidores; com os seus fiéis, o que infelizmente e há muito, não acontece... No catolicismo, isto foi entregue ao humilde e simples PADRE, a quem só cabe obedecer cegamente as orientações emanadas de Roma e que lhe são transmitidas, muitas vezes, por elementos episcopais, arrogantes e "sapiientíssimos". E os católicos? Bem... como só têm contato com o padre, não ficam - na maior parte das vezes - sabendo de nada, mesmo por que aquele elo de sua ligação com a "madre igreja", aquele "simples" padre, maquia a mensagem, dando-lhe um ar místico e palatável.

Aí, esta mesma igreja, que "enganou" um menino, ensinando-lhe o celibato, muito antes de surgirem seus desejos humanos e naturais, do amor dirigido à procriação, instinto que lhe impõe a mãe natureza, e apregoa-

do pelo Gênesis bíblico: "Crescei e multiplicai-vos...", lá ensinado como determinação divina!

Não quero comentar sobre os problemas de taras e desvios, por parte de religiosos, amplamente divulgados pela imprensa e tão zelosamente escondidos, mas indenizados, pelo Vaticano.

Que me expliquem os eruditos religiosos romanos, porque proibir o uso do preservativo, num mundo em que a AIDS grassa impunemente e sem previsão de cura? - Porque não pode um homem que escolhe a vida sacerdotal ser casado? Seria por "birra" ou fundamento teológico?! Se religião é levar a Deus, como para isto contribui o celibato? Poderia estar até afastando-o do Criador, não?

Resumindo: A Igreja deveria se preocupar justamente com o bem estar dos padres, levando-os a uma vida mais fácil, para que os mesmos se dedicassem totalmente aos seus paroquianos, sem ficar "inventando" normas, cânones ou dogmas ridículos...

A igreja católica, não é mais religião há muito tempo, tendo se

transformado em "indústria fanática" para geração de riquezas e sem a menor preocupação com quem de fato seria a "sua igreja", o católico simples e o padre que a apóia.

Vejo-te, Gilberto: para o "teu pessoal" continuas o mesmo padre querido, em quem se busca apoio e conforto no dia-a-dia, mas principalmente quando um fato mais destemperado ocorre; e para a igreja alguém que se recusa a obedecer-lha sem detrimento de tua consciência. Ficas entre Deus e o diabo e optas por Deus. Parabéns, não só pelo grande padre que ainda és, mas também pelo esposo, pai e avô, amado também por Deus.

Só para te lembrar: Sou advogado; professor universitário; auditor fiscal aposentado; pós-graduado em administração e católico apostólico revoltado, excomungado "ipso facto" por contestar a infalibilidade papal, entre outros atributos...

Um abraço do teu amigo e - porque não? - paroquiano da tua seara!

Antonio Pradi

A ARMADA DO PAPA

Os segredos e o poder das novas seitas da Igreja Católica Romana.

A Igreja católica hoje, pós-modernismo.

Quem é Gordon Urquhart. Nascido em Manchester em 1949, estudou literatura na Universidade de Warwick. A Armada do Papa de Gordon Urquhart, editado pela Record, edição de 2002, com tradução de Irineu Guimarães, no formato de brochura, o livro contém 530 páginas. O autor publicou também The Vatican and Family Politics. Ex-integrante do Folcolare, liderou a seção jovem do movimento na Grã-Bretanha e editou publicações do grupo até romper com a organização, em 1976.

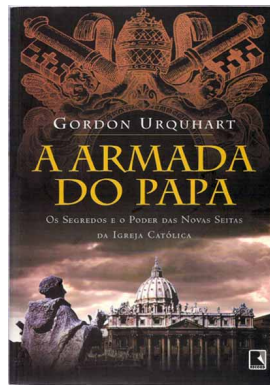
O Folcolare foi criado na cidade

de Trento, no norte da Itália, em 1943 é comandado diretamente do centro do movimento em Roma. O Folcolare, professa obediência à hierarquia e ocasionalmente pode até prestar à diocese algum serviço simbólico, como, por exemplo, participar de um grupo de trabalho com os jovens.

O Neocatecumenato foi fundado na cidade de Palomas Altas, nos arredores de Madri, em 1964, por um artista espanhol, Kiko Argüello, que mais tarde juntou-se a Carmen Hernandez, uma ex-feira.

Dizem que os fundadores do NC, Kiko Argüello e Carmen Hernandez, sentem-se perfeitamente "em casa" quando se encontram nos aposentos papais: consta que tomam o café da manhã com o Papa, almoçam com ele e têm livre trânsito por todos os cômodos do palácio.

Em 1993, Dom Luiz Alberto



Luna Tobar, bispo de Cuenca, no Equador, fez as seguintes observações sobre o NC: Os neocatecúmenos não mantêm nenhum elo

doutrinal com a cultura, com o nosso próprio tempo ou com as vozes do nosso tempo. A gloriosa cruz e o Servo de Javé não são sinais ou expressões de esperança, mas de tortura. O espaço que dão ao mal e ao demônio vai muito além da doutrina e se assemelha ao medo infantil e a uma ab-rogação da responsabilidade. A palavra justa não é ouvida. Nunca entre os catecúmenos. A fé está mais perto do karma do que da graça.

Comunhão e Libertação CL apareceu na Itália no início dos anos 70, como uma violenta reação dos estudantes conservadores às desordens estudantis dos anos 60, sob a liderança de um padre milanês baixinho, Dom Giussani. Durante os últimos vinte anos, os seguidores do movimento de maior prestígio na Itália, a CL, receberam

os apelidos mais estranhos, como "lacaio de Wojtyła", "monges de Wojtyła", "Samurais de Cristo" e "Stalinistas de Deus". Razão desses apelidos: as atividades agressivas desses militantes em defesa da promoção das crenças e valores católicos tradicionais, bem como sua devoção total ao Papa.

Porque o Papa prefere estes movimentos às velhas Congregações ou Ordens religiosas? Eis como o justifica Gordon: O problema é que o Vaticano aceita os movimentos pelo valor de face que eles apresentam. O Vaticano acredita na publicidade deles. "O Papa visita um país e os movimentos estão lá, desfaldando bandeirinhas e gritando, enquanto, do outro lado, as ordens religiosas provavelmente estão escrevendo cartas de protesto!"

Joarez Virgolino Aires

BENTO XVI: A DECEPÇÃO DE UM PONTIFICADO

Joseph Ratzinger foi, quando jovem, um dos teólogos mais respeitados de uma época de grande renovação teológica. Como tal participou, na qualidade de perito, com outros teólogos, no Concílio Vaticano II.

Quando, mais tarde, João Paulo II o escolheu para presidir, como Prefeito, a Congregação para a Doutrina da Fé, herdeira do Santo Ofício ou Inquisição, ele revelou-se um verdadeiro inquisidor, silenciando grandes teólogos ou obrigando-os a retratar-se de avanços e resultados que lhes haviam custado anos de reflexão e estudo. Joseph Ratzinger parecia ter mudado.

Eleito Papa sob o nome de Bento XVI, a desilusão foi grande para muitos, enquanto outros mantiveram a esperança de que ele, obrigado a decidir agora, não como subalterno, mas como chefe supremo, demonstrasse outra atitude perante necessidades e problemas concretos. Não foi assim. Aparentemente, tudo mudou para pior. Alguém escreveu que as suas decisões anacrônicas estariam a revelar incapacidade para conduzir o Vaticano.

É claro que ele não é o único responsável. É-o também a Cúria, os seus colaboradores e conselheiros. Todavia, o atual governo da Igreja tem muito da sua marca, a dar crédito a um seu coetâneo e antigo colega docente na universidade de Tübingen, o teólogo suíço Hans Küng. Diz ele: "Joseph Ratzinger não mudou. Não se comete injustiça alguma, afirmando que ele, simplesmente, ficou parado no tempo! Quis ficar ancorado na Igreja e na teologia latinas da antiguidade e do medievo, tal como as conheceu e aprendeu a amar em seus estudos de Agostinho e Boaventura... O teólogo

Ratzinger contribuiu pouco para a evolução da teologia, mesmo com o seu livro sobre JESUS. Também não era essa a sua pretensão".

Uma decisão desastrosa

Em 24 de janeiro deste ano, 2009, veio a público a notícia de que Bento XVI levantava a excomunhão que pesava, desde 1988, sobre os bispos da Fraternidade tradicionalista de S. Pio X, nascida, em 1970, da resistência do arcebispo francês Marcel Lefebvre às reformas e orientações do Concílio Vaticano II. A reabilitação dos bispos foi uma decisão sumamente questionável que teve grande repercussão. Na origem estariam conselheiros da Cúria, encabeçados pelo cardeal Castrillón Hoyos, conservador, hoje com 80 anos, presidente da Comissão Pontifícia "Ecclesia Dei", que não quis largar o cargo sem conseguir essa vitória! Juntando-se a outras decisões fortemente regressivas, esse ato do Papa era mais um passo na direção hoje visível na cúpula da Igreja: a do retrocesso a um passado pré-Vaticano II.

Não se pode imaginar que Bento XVI desconhecisse, como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, o espírito que persistentemente guiou os membros da Fraternidade Sacerdotal de S. Pio X. Para mais, ele, com espanto de muitos, livrou os bispos da excomunhão, sem lhes exigir, ao que parece, nenhum retorno.

Um desfecho incompreensível, se olharmos à história da Fraternidade. Quando do Concílio Vaticano II, o arcebispo Marcel Lefebvre era Superior Geral da Congregação do Espírito Santo e exercera uma ação notável como bispo missionário na África. Convocado pelo Papa, fez parte da Comissão Prepara-

tória. No Concílio distinguiram-se pelas suas posições conservadoras, convencido que estava de que as tendências ali dominantes conduziam ao modernismo e ao liberalismo, condenados por Papas anteriores, e levariam à "protestantização da Igreja". Em decorrência disso, fundou, em 1970, na Suíça, uma casa para a formação de sacerdotes no espírito pré-conciliar e a Fraternidade Sacerdotal de S. Pio X, que foi aprovada canonicamente. Contudo, na carta de aprovação do cardeal Wright, então Prefeito da Congregação para o Clero, já era possível adivinhar sinais de desconfiança. Diz ele: "... a Fraternidade Sacerdotal de S. Pio X vai poder harmonizar-se bem com o fim querido pelo Concílio para a distribuição do clero no mundo".

As idéias transmitidas no seminário de Ecône, profundamente adversas ao Concílio Vaticano II, obrigaram o Papa a enviar visitantes apostólicos. Mas tais visitas deram em nada. Lefebvre continuava a rejeitar o Concílio e as suas reformas, principalmente a missa renovada por Paulo VI. Preocupado com o crescimento do movimento tradicionalista, Paulo VI proibiu Lefebvre de ordenar sacerdotes. Não obstante, ele ordenou, em 1976, vários jovens provenientes da França, Bélgica e Estados Unidos. Dois dias após, 1 de julho, o Papa mandava anunciar a suspensão dos 26 padres e diáconos ordenados e, 24 dias depois, a suspensão a divinis do arcebispo. Este, no entanto, nos anos seguintes, não acatando as ordens de Roma, continuaria a formar e a ordenar sacerdotes.

Em 1984, foi-lhe autorizada a celebração da Missa Tridentina, sob condições rigorosas, uma delas a de aceitar

como legítima a Missa de Paulo VI, coisa que a Fraternidade não queria de modo algum.

Como o conflito recrudescia, Roma tentou um acordo que, após várias conversações, foi assinado, em 5 de maio de 1988, por Lefebvre e Ratzinger. Este acordo previa a transformação da Fraternidade Sacerdotal de S. Pio X em Sociedade de Vida Apostólica e a sacração de um bispo entre os padres da Fraternidade. Lefebvre denunciou-o logo no dia seguinte, ao perceber que Roma não estava disposta a permitir que ele realizasse as ordenações episcopais que já havia programado para 30 de junho. João Paulo II pediu-lhe expressamente que não o fizesse, mas Marcel Lefebvre, acompanhado de D. Antônio de Castro Mayer, bispo emérito de Campos, Brasil, sagrou, na data marcada, quatro novos bispos: Bernard Fellay, suíço, Bernard Tissier de Mallaret, francês, Alfonso de Galarreta, espanhol, e o inglês Richard Williamson, o único sobre quem caiu a mídia, quando da revogação da excomunhão, não por causa dela, aparentemente de somenos importância, mas por ele negar a realidade histórica do Holocausto.

Dois dias depois da sacração, João Paulo II publicou o motu proprio "Ecclesia Dei", onde revelava a aflição da Igreja por essas ordenações episcopais ilegais, declarava a excomunhão de Lefebvre e dos bispos ordenados e convidava os seguidores a afastarem-se da Fraternidade. Foi essa a excomunhão que o Papa Bento XVI revogou em 24 de janeiro de 2009.

Reações diversas

A decisão de Bento XVI veio somar-se a uma série de gestos conservadores. Por isso, é impossível entendê-la como uma simples oferta de reconciliação. Para

mais, ele não pediu nada em troca, não foram postas condições. Mas não aceitando as decisões do Concílio Vaticano II, não haverá lugar para a Fraternidade Sacerdotal de S. Pio X na Igreja Católica. A unidade dos cristãos não pode ser obtida com o sacrifício da verdade.

Reagindo ao problemático levantamento da excomunhão, um grupo de teólogos e teólogas alemães, austríacos e suíços, a que se juntaram sacerdotes, religiosos e leigos atuantes na Igreja, assinaram, já no dia 29 de janeiro, uma Petição internacional, a ser enviada ao Papa, onde se exigia um "reconhecimento irrestrito das decisões do Concílio Vaticano II". Esta Petição encontrou logo grande ressonância e rápida difusão, não só na Europa, mas também fora. E então foi pedido ao "Movimento Nós somos Igreja" da Alemanha e da Áustria que assumisse a parte logística da adesão à iniciativa.

Em fim de fevereiro, haviam assinado a Petição mais de 30.000 pessoas. Até à Quinta-feira Santa, término prefixado da recolha de assinaturas, elas atingiram a soma de 50.000. Provinham de 79 países.

Das enviadas pela Internet (21.534), a vantagem foi da Alemanha com 15.272, seguida pela Áustria, com 1.893, e pela Suíça, com 1.660. O Brasil enviou 65 assinaturas, menos que o pequeno Portugal, 84. De admirar que países como a Noruega e a Suécia, quase totalmente luteranas, tenham correspondido com 51 e 17 assinaturas respectivamente. E até a Rússia e a China o fizeram. Tal como o longínquo Timor Leste, Taiwan, Cingapura, Macau, etc. Bastante estranho que os



países da América Latina não tenham tido, em geral, uma participação maior.

Os autores desta iniciativa esforçam-se agora por fazer chegar os resultados, o mais pronto possível, à Congregação para a Doutrina da Fé.

Há que referir ainda que, lançada a idéia da Petição, surgiu uma outra ação paralela para recolher assinaturas de apoio a Bento XVI. A data do seu encerramento seria 1 de maio. Em 10 de abril, Sexta-feira Santa, tinham assinado 20.208 pessoas de 55 países. Eram, em sua maioria (86,2%), leigos. Mas havia também, em ordem percentual, padres (7,2%), religiosos/religiosas (7,2%), mulheres consagradas (1,1%), diáconos (0,8%). Com a sua assinatura, - disseram - declaravam "explicitamente a sua solidariedade com Sua Santidade!".

Com tudo isto, ficamos a pensar que, se a Igreja, ao longo dos séculos, não tivesse sido tão tolerante com os momentos obscuros do Papado, que foram tantos, não assistiríamos hoje a uma quase divinização dos Papas. Tantos poderes num homem só e solitário deixariam Pedro, o pescador, assombrado. Do episódio de Cesaréia ela parece haver retido apenas: "Tu és Pedro e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja", e esquecido um outro versículo que vem quase a seguir: "Afasta-te, Satanás! Tu és para mim um estorvo, porque os teus pensamentos não são os de Deus, mas os dos homens!"

Irene e Luís Guerreiro



SE FOR CASAR, ESCOLHA BEM



Reflexões de um padre casado de 26 anos de vida matrimonial

Nos anos 1967 a 1971 trabalhei na diocese de Marília, São Paulo. Participava das reuniões do clero com o nosso bispo, Dom Hugo. Numa dessas reuniões ele disse: "Se vocês forem casar, escolham bem a sua esposa". Isso foi mais de 40 anos atrás. Hoje depois de 26 anos de vida matrimonial eu entendo essas palavras sábias do Bispo. Graças a Deus hoje sou feliz ao lado da minha esposa e sei que fiz a escolha certa.

Mas se for dar um giro ao redor do mundo clerical e prestar atenção às reivindicações dos padres solteiros, uma coisa está evidente: o celibato obrigatório está com os dias contados! Ao mesmo tempo haverá sempre celibatários dando seu testemunho de vida cristã.

Vamos ver alguns dessas reivindicações.

1) Em 2003 os padres da diocese de Milwaukee USA pediram a Conferência Nacional dos Bispos dos Estados Unidos repensar a lei do celibato obrigatório.

2) Em 2005 o Conselho Nacional dos Presbíteros de Austrália pediu o fim do celibato obrigatório.

3) No dia 23 de Agosto de 2007 o Bispo Pat Power de Austrália, Bispo auxiliar da cidade de Canbarra, deu seu apoio ao fim do celibato obrigatório.

4) Em 2008, no encontro Nacional dos Presbíteros Brasileiros, que reuniu cerca de 450 padres, estes aprovaram um documento no qual pediram opção ao celibato (mas o pedido não foi aceito pelos bispos).

5) Recentemente, o Cardinal Edward Egan de Nova

York, no dia 3 de Abril, disse que a igreja deve considerar o fim de celibato. Ele disse que o celibato obrigatório "merece uma legítima discussão" e "eu acho que tem que ser examinado".

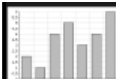
Eu acho que estamos mais perto de ver esse assunto discutido pelo Vaticano. Provavelmente não no pontificado do Papa Bento XVI, mas uma mudança é inevitável. Sendo assim acho que as palavras do meu velho Bispo Dom Hugo, "se for casar, escolha bem", exigem pertinentes considerações para os futuros padres quando puderem casar.

Se o padre quer casar e quer continuar exercendo seu ministério é muito importante para a felicidade dele e da sua esposa que ele case com alguém que teve uma caminhada na igreja, uma pessoa que teve ou tem uma experiência pastoral, mas que é ao mesmo tempo uma mulher em todos os sentidos. Como é bom poder compartilhar com sua esposa, como eu faço. Compartilhar os seus trabalhos pastorais, os seus problemas de trabalho nas comunidades e saber que tem alguém escutando você, que compreende o que você está dizendo, alguém que já passou ou que está passando por alguma experiência semelhante no campo pastoral.

Claro, sempre haverá padres que vão casar e que não vão querer continuar exercendo o ministério. São padres que fizeram muito bem para muita gente, mas que agora querem deixar tudo isso para trás como uma época feliz e frutífera das suas vidas. Essa decisão tem que ser respeitada. Com certeza o exemplo deles hoje como um bom esposo, como um bom pai, como um trabalhador honesto está fazendo muito bem no mundo.

O que é certo, é que é possível ser casado, ter um emprego para sustentar sua esposa e seus filhos e ser padre mesmo tempo fazendo um trabalho pastoral, já que você gosta de fazer isso e sabe que foi chamado para fazer isso. É possível fazer isso e ser feliz ao lado da sua companheira.

Bernard Eyre



AVALIAÇÕES E DEPOIMENTOS

Sobre o Jornal Rumos

GASTEI TODO O DIA DE HOJE, 12-03-2009, PARA ABRAÇAR O 209.

PARABÉNS, Giba, Tavares, Mário, Mateus e tutti quanti, que limpam a terra, fazem novas sementeiras e as regam com carinho, não porque representam uma linha administrativa ou são textos com as visões de Fulano ou Beltrano, mas porque são reedições de páginas novas dos Ato dos Apóstolos, que circulam de coração em coração e se repetem no diálogo dos irmãos que se amam e que, por suas fotos atestam que percorrem anos a fio, palmo a palmo do mundo, manifestando sua disposição de continuar trabalhando, pregando o Senhor Jesus.

1- Nenhum dos referidos em matérias ou delas signatários precisa aparecer. Todos são irmãos de verdade e personalidades eclesiais e respeitadas pela integralidade de sua vida a serviço do Evangelho.

2- Não foi à toa que, há poucos dias, um bispo brasileiro - de passagem por Roma - disse na "Domus Mariae" que "para saber o que se diz contra a Igreja, ele tem vasta e irresponsável mídia... Para saber quem protege o rico porém frágil tesouro que a Igreja tem que guardar, lê o "Ora et labora", boletins e papéis escritos e difundidos pelos padres casados, marginalizados da regularidade da Evangelização oficial, jamais porém com sua honestidade colocada em dúvida."

3- Esses presbíteros, não fomos ordenados à revelia da Igreja para serviços de interesse de classes, mas para servir ao Povo Santo de Deus. Nós também monta-

mos, sistematizamos, difundimos os diversos tipos de teologia e de pastorais, que nasceram e se desenvolvem respondendo a necessidades de comunidades, não de "colegiados" montados para salvar guardar poder de controle.

4- Por sermos puros assim, temos a liberdade de externar nossas críticas nominais, como o fez Paulo! Por isso, ousamos realizar ações de "discórdia" pública de luminares frateros cujos pensamentos e análises o Giba colige e difunde com paciência monacal e capricho artesanal. Assim, foi possível colocar à disposição da Igreja e do Mundo Memorial que mostra a essência do coração e da mente dos padres casados e seus familiares que encontraram "nas coisas" da Igreja, motivos para

enaltecer as coisas de Deus.

5- Parabéns, Giba e equipe, pelo nascimento do 209, filho querido que escapou a tantas ameaças de abortamento, irmão que se apresenta como portador de maravilhosos perfis, intelectual, religioso, piedoso, presbiteral, crítico e marcado pela riqueza de ser o único veículo que eu conheço no qual aparecem ex-que jamais o foram, casados que nunca experimentaram a partilha do amor e pessoal que se sente honrado de escrever em nosso Rumos e de usar seus espaços para dizer o que em outras mídias não lhes é permitido. Combin, Boffs, Betto e até a sinalização de nova prelazia latino-americana entra com o sorriso e a perspicácia do Lugo.

Abraço.

Zé Vicente

OI, GIBA, ESTÁS FELIZ POR TERES MAIS UM "FILHO ELETRÔNICO". E NÓS TAMBÉM.

Mais uma vez, denso, bem diagramado, com excelente conteúdo e bonito! **PARABÉNS!**

Estás dando muito bem conta do recado. E vibrando cada dois/três meses...

Isso faz bem à saúde do corpo e do espírito.

Tu és - como diz o nosso querido "mafioso, quel che ride sotto i baffi" Zé Vicente - uma possante turbina do MPC.

João Tavares

Estimado hermano. Muchas gracias por el envío electrónico de rumos. Hace mas de 15 años recibiamos en el Peru el impreso y era confortante. Los curas casados cada dia somos mas y seremos mas..... Adelante. Abrazos y bendiciones para la gente de Brazil. En Jesus y Maria

Mons. Erman Colonia Arzobispo
<http://emauseru.galeon.com/>

Amigo Gilberto, recebi e apreciei muitíssimo o todo de nosso jornal que nada fica a dever aos melhores da mídia. Quando apresentei o visual completo à Ausília, ela tomou a frisar: o Gilberto tem que continuar sempre com o jornal. E eu concordo plenamente. Matérias atraentes, visual elegante, todos impecáveis na diagramação. Poucos, muitos bem poucos dentre nós logariam resultado semelhante.

Deus o conserve, Gilberto. Sic Locutus est Vigolino.

Caro irmão Giba, você vem se superando a cada número. O número atual, que acabo de dar uma olhada, mesmo ainda me recuperando de uma cirurgia, está muito bom. Excelente mesmo! Parabéns!

Gostei de ver o texto de Eduardo Hoonaert publicado sobre o caso da excomunhão aqui no Recife. Dom Cardoso, arcebispo do Recife, continua se superando com o seu conservadorismo.

E gostei também de ver a Rev. Inamar, da Igreja Anglicana do Rio de Janeiro, em nosso jornal. Vamos vendo, aos poucos, que a mulher pode muito bem exercer seu papel dentro das instituições eclesísticas.

Parabéns mais uma vez! Deus lhe abençoe pelo brilhante e incansável trabalho de edição do Jornal Rumos. Nosso MPC e Associação Rumos só tem a agradecer pelo trabalho, que sabemos que não é fácil editar um jornal.

Um abraço fraterno,
Félix Batista Filho, Presidente Associação Rumos/MPC

OBRIGADO, GIBA. VALEU. ABRAÇO. DOM FRANCISCO. TOLEDO

Giba, boa noite! Parabéns pela nomeação como editor do Rumos. Com tua capacidade e mente aberta certamente farás um ótimo trabalho. Precisamos mesmo lutar sempre conta a intransigência e o obscurantismo. No novo cargo vais ter ótimas oportunidades para divulgar tuas idéias em benefício de todos. Um abraço.

Cláudio e Anita

GILBERTO SEMPRE FIRME, FORTE E OCUPANDO OS MELHORES LUGARES.

Fico feliz e o invejo no bom sentido. Continue.

Renato, Pinhalzinho SC

PESSOA QUE PERMANECE

Trata-se de revelar esse digno lutador, Gilberto Luiz Gonzaga, que coloca todo esforço na primorosa apresentação aos/as leitores/as do jornal "Rumos". Redige aqui e ali boas e animadoras palavras de incentivo. Mostra-nos, pois, a sobrevivência de uma vida feliz.

Pois, "Tudo que o Pai possui é meu... e vo-lo anunciará" (Jo.16,15). Tal exemplo, o coordenador editorial Gilberto não se cansa de propagar com eficiência em se tratando da divulgação do jornal.

Que Jesus lhe dê forças para sempre anunciar ou deixar que alguém anuncie coisas boas e vivência de princípios cristãos. Muita saúde para você e sua família.

Áureo Kaniski. Vitória, 28.03.09.

QUERIDO GIBA, AQUELE ABRAÇO.

Envio-te este e-mail para te parabenizar do novo rumo que está dando ao Jornal Rumos. Gostei da forma estética e do conteúdo que é bastante atual, interessante para nós do MPC que precisamos de nos alimentar destes temas e acompanhar a caminhada do povo de Deus, embora a Hierarquia esteja conduzindo por caminhos e atalhos muito duvidosos e totalmente contra a vontade de Deus e não inspirados no Espírito Santo.

Ah se Cristo visse... (SCV - sigla do Vaticano!!!)

Permita-me de dar uma sugestão: colocar no Jornal o nome daqueles que renovaram a assinatura do Jornal, não só para incentivar outros para assinar o jornal, mas também para ter a certeza que chegou o pagamento a bom fim.

Eu, são quatro anos que renovo a assinatura e nunca tive a certeza da minha renovação.

Ernesto Bottazzi

ORAÇÃO DO PAI NOSSO

1- Pai-nosso que estais no céu, e sois nossa Mãe na Terra, amorosa orgia trinitária, criador da aurora boreal e dos olhos enamorados que enternecem o coração, Senhor avesso ao moralismo desvirtuado e guia da trilha peregrina das formigas do meu jardim,

2- Santificado seja o vosso nome gravado nos girassóis de imensos olhos de ouro, no enlaço do abraço e no sorriso cúmplice, nas partículas elementares e na candura da avó ao servir sopa,

3- Venha a nós o vosso Reino para saciar-nos a fome de beleza e semear partilha onde há acúmulo, alegria onde irrompeu a dor, gosto de festa onde campeia desolação,

4- Seja feita a vossa vontade nas sendas desgovernadas de nossos passos, nos rios profundos de nossas intuições, no voo suave das garças e no beijo voraz dos amantes, na respiração ofegante dos aflitos e na fúria dos ventos subvertidos em furacões,

5- Assim na Terra como no céu, e também no âmago da matéria escura e na garganta abissal dos buracos negros, no grito inaudível da mulher agulhoada e no próximo encarado como dessemelhante, nos arsenais da hipocrisia e nos cárceres que congelam vidas.

6-O pai nosso de cada

dia nos dai hoje, e também o vinho inebriante da mística alucinada, a coragem de dizer não ao próprio ego e o domínio vagabundo do tempo, o cuidado dos deserdados e o destemor dos profetas,

7- Perdoai as nossas ofensas e dívidas, a altivez da razão e a acidez da língua, a cobiça desmesurada e a máscara a encobrir-nos a identidade, a indiferença ofensiva e a reverencial bajulação, a cegueira perante o horizonte despedido de futuro e a inércia que nos impede fazê-lo melhor,

8- Assim como nós perdamos a quem nos tem ofendido e aos nossos devedores, aos que nos esgarçam o orgulho e imprimem inveja em nossa tristeza de não possuir o bem alheio, e a quem, alheio à nossa suposta importância, fecha-se à inconveniente intromissão,

9- E não nos deixeis cair em tentação frente ao porte suntuoso dos tigres de nossas cavernas interiores, às serpentes atentas às nossas indecisões, aos abutres predadores da ética,

10- Mas livrai-nos do mal, do desalento, da desesperança, do ego inflado e da vanglória insensata, da dessolidariedade e da flacidez do caráter, da noite desenluada de sonhos e da obesidade de convicções inconsúteis,

TODOS: Amemos.

Versão de Frei Betto

A MELHOR RELIGIÃO

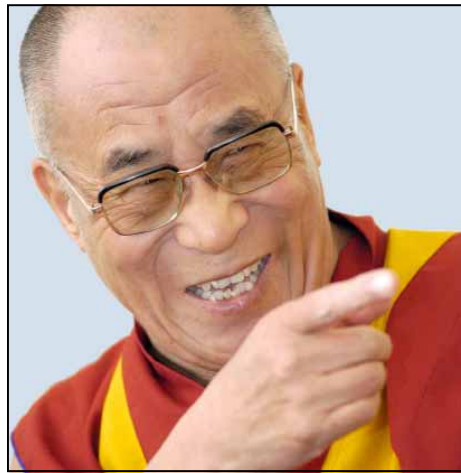
"Permito-me confidenciar um pedaço de conversa que entretive com Dalai-Lama, há alguns anos, permito-me confidenciar um pedaço de conversa que entretive com ele, há alguns anos, e que nos ajudará a entender a questão que irei abordar. No intervalo de uma mesa-redonda sobre religião e paz entre os povos, na qual ambos participávamos, eu, maliciosamente, mas também com interesse teológico, lhe perguntei em meu inglês capenga:

- Santidade, qual é a melhor religião?

Esperava que ele dissesse: "É o budismo tibetano" ou "São as religiões orientais, muito mais antigas do que o cristianismo".

O Dalai-Lama fez uma pequena pausa, deu um sorriso, me olhou bem nos

olhos - o que me desconcertou um pouco, por que eu sabia da malícia contida na



pergunta - e afirmou:

- A melhor religião é aquela que te faz melhor.

Para sair da perplexidade diante de tão sábia resposta, voltei a perguntar:

- O que me faz melhor?

- Aquilo que te faz mais compassivo (e aí senti a ressonância tibetana, budista, taoísta de sua resposta), aquilo que te faz mais sensível, mais desapegado, mais amoroso, mais humanitário, mais responsável... A religião que conseguir fazer isso de ti é a melhor religião...

Calei, maravilhado, e até os dias de hoje estou ruminando sua resposta sábia e irrefutável."

Do livro Espiritualidade - Um Caminho de Transformação, de Leonardo Boff

O QUE É ESPIRITUALIDADE

"AGORA CABE COLOCAR DIRETAMENTE A PERGUNTA: AFINAL, O QUE É ESPIRITUALIDADE?"

Uma vez fizeram esta pergunta ao Dalai-Lama e ele deu uma resposta extremamente simples: "Espiritualidade é aquilo que produz no ser humano uma mudança interior".

Não entendendo direito, alguém perguntou novamente:

- Mas se eu praticar a religião e observar as tradições, isso não é espiritualidade?

O Dalai-Lama respondeu:

- Pode ser espiritualidade, mas, se não produzir em

você uma transformação, não é.

E acrescentou: - Um cobertor que não aquece deixa de ser cobertor.

Então atalhou a pessoa: - A espiritualidade muda ou é sempre a mesma coisa?

E o Dalai-Lama falou:

- Como dizem os antigos, os tempos mudam e as pessoas mudam com ele. O que ontem foi espiritualidade hoje não precisa mais ser. O que em geral se chama de espiritualidade é apenas a lembrança de antigos caminhos e métodos religiosos.

E arrematou: O manto deve ser cortado para se ajustar aos homens. Não são os homens que devem

ser cortados para se ajustar ao manto.

Parece-me que o principal a ser retido desse pequeno diálogo com o Dalai-Lama é que espiritualidade é aquilo que produz dentro de nós uma mudança. O ser humano é um ser de mudanças, pois nunca está pronto, está sempre se fazendo, física, psíquica, social e culturalmente. Mas há mudanças mudanças. Há mudanças que não transformam nossa estrutura de base. São superficiais e exteriores, ou meramente quantitativas. Mas há mudanças que são interiores. São verdadeiras transformações alquímicas, capazes de dar um novo sentido

à vida ou de abrir novos campos de experiência e de profundidade rumo ao próprio coração e ao mistério de todas as coisas. Não raro, é no âmbito da religião que ocorrem tais mudanças. Mas nem sempre. Hoje a singularidade de nosso tempo reside no fato de que a espiritualidade vem sendo descoberta como dimensão profunda do humano, como o momento necessário para o desabrochar pleno de nossa individualidade e como espaço da paz no meio dos conflitos e desolações sociais e existenciais."

Do livro "Espiritualidade - Um Caminho de Transformação", de Leonardo Boff

O CÉU

"O CÉU E A TERRA PASSARÃO, MAS MINHAS PALAVRAS NÃO PASSARÃO" (MC 13,31).

Durante milhares de anos os estudiosos da coisa do céu e da terra eram poucos. Vendo que as estrelas do céu pareciam não sair nunca do lugar, deram ao céu o nome de firmamento.

O caráter vibrante e pulsátil do universo só foi descoberto pelo físico alemão Max Planck no início do século XX. Tanto como a luz, o átomo também vibra e pulsa, pois se dilata e se contrai milhões de vezes a cada segundo.

Não sou cientista, mas a minha condição de teólogo me leva a fazer a pergunta que Luis de Gonzaga costumava fazer em situações idênticas: "Quid hoc ad aeternitatem?". Será que os princípios da Teoria Quântica começam a vigorar com força redobrada depois quando nos encontramos livres dos laços que nos prenderam ao mundo material?

Se existe uma relação de natureza causal entre tempo e velocidade então deve existir a fortiori uma relação causal entre velocidade e eternidade. Einstein ainda era de opinião que a velocidade da luz era a velocidade máxima que uma entidade material podia desenvolver sem se desmateri-

alizar por completo. Hoje já se sabe que à velocidade da luz o tempo deixa de fluir em direção do passado. Ultrapassada a velocidade da luz o tempo inverte a direção e começa a se movimentar do presente em direção ao futuro.

O passado deixa de ser passado e passa a ser parte essencial de um presente eterno. A saudade muda de direção. O que aliena nosso desejo não é aquilo que já tivemos um dia, mas que o tempo se encarrega de levar consigo. Não faz sentido sentir saudade quando tudo o que é desejável ainda está por vir. Tudo o que de bom está à nossa espera se encontra no dia de amanhã. Não há perdas a lamentar, pois tudo o que merece nossa atenção ainda nos espera.

A saudade do saudosista leva-o a lamentar quando a atitude mais inteligente o levaria a se rejubilar. Nada está perdido, tudo se encontra a salvo da ação deletéria do tempo. A salvação eterna consiste em subtrair-se à ação do tempo e viver antecipadamente em clima de eternidade e de perpétuo rejuvenescimento.

"Não vos preocupeis com o dia de amanhã" (Mc 13,11). Pois tudo o que se encontra à vossa frente já está assegurado.

Pe. José Marcos Bach SJ - Ano 2009.

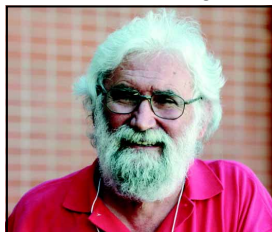




ELES NÃO SERÃO ESQUECIDOS

Leonardo Boff completou 70 anos em 14.12.2008, Jon Sobrino, em 27.12.2008. Talvez haja quem quisesse que seus aniversários passassem sem ser lembrados e que a sua memória, junto com a sua obra, se diluísse com o passar do tempo. Quem não os esqueceu foi o Movimento "Nós Somos Igreja". Dois ou três dias antes dessas datas, com eles se congratulou e lhes agradeceu o grande contributo que têm prestado, não só à Teologia. A sua influência tem marcado e continua a marcar decisivamente os movimentos de base.

Justificando a sua homenagem, o Movimento "Nós Somos Igreja" destaca alguns dos momentos mais significativos da vida de ambos os teólogos.



Leonardo Boff

"Com Gustavo Gutiérrez e Jon Sobrino, Leonardo Boff é um dos maiores representantes da Teologia da Libertação latino-americana - um movimento profético que, desde os anos de 1960, foi buscar à Bíblia orientações e esperanças na perspectiva dos pobres e oprimidos, tendo sob o

olhar os desenvolvimentos sociais e a dependência atuais.

Após uma brilhante carreira teológica como aluno de Karl Rahner e Joseph Ratzinger, Boff, com seu livro 'Jesus Cristo Libertador' (1972), deu um passo 'da teologia do mundo moderno, que aprendera, para uma teologia do mundo dos pobres'. Na Alemanha, tornou-se conhecido sobretudo pelo seu livro 'Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos', já em quarta edição. O que desencadeou o seu profundo conflito com Roma foi outro livro publicado em 1981, 'Igreja: Carisma e Poder', onde Boff reprovava o abuso de poder na Igreja romano-católica e crítica como não-bíblica a estrutura hierárquica de funções. Referindo-se à Reforma, crítica a compreensão paternalista dos Sacramentos e contrapõe-lhe a Igreja viva dos pobres, em processo: 'A Igreja dos ricos nega aos pobres o poder popular de se libertarem'.

Joseph Ratzinger, hoje Papa Bento XVI, outrora um dos orientadores de Boff no doutorado, quando Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, impôs-lhe, em 1985, a proibição, por um ano, de falar ou ensinar. Isso conquistou a Boff uma notoriedade universal.

Numa entrevista de julho de 2008, o teólogo afirmou: 'Quando Ratzinger chegou a Roma, adotou a lógica do sistema romano, a lógica do poder. Isso não me surpre-

endeu. Como Papa, tomou-se ainda pior'. Na Declaração da Congregação para a Doutrina da Fé 'Dominus Iesus', só Boff foi citado nominalmente como teólogo. A pendência com o cardeal Ratzinger ressurgiria depois e se renovaria, sobretudo na questão da interpretação do 'subsistit' ('realiza-se'; Vaticano II, Constituição da Igreja, art. 8), onde Ratzinger vê a Igreja romano-católica como única realização da verdadeira Igreja, enquanto atribui às demais 'apenas elementos de Igreja'.

Em outubro de 2007, o seu irmão Clodovis Boff, com quem antes escrevera obras fundamentais para a Teologia da Libertação, criticou-a severamente e caracterizou a Conferência de Aparecida como o novo caminho da Igreja para a libertação. A esta crítica do seu irmão, nascido em 1944, Leonardo respondeu: 'Seria um erro querer separar, na Teologia, Deus dos pobres e contrapô-los. Com a sua crítica, Clodovis só serviu àqueles que sempre quiseram banir a Teologia da Libertação da Igreja'.

'A Teologia da Libertação não acabou, embora hoje influa menos visivelmente na fé e conduta dos cristãos. Apesar dos conflitos e do drama pessoal de alguns deles, temos de agradecer a teólogos como Leonardo Boff que a fé dos cristãos se tenha aventurado a um importante exame de consciência e se haja renovado', escreveu Stephan U. Neumann.

No seu último giro de conferências pela Suíça, outono de 2008, Leonardo Boff apelou reiteradamente para que se dê ouvidos ao 'grito dos pobres'. E, quando lhe perguntaram o que é que os europeus podiam fazer pelo povo da América Latina, Boff respondeu: 'Vocês podem nos ajudar, se, nos seus próprios países e Igrejas, pensarem e se comportarem como libertos'."



Jon Sobrino

"Jon Sobrino, jesuíta, nasceu em Barcelona, Espanha, mas vive há cinquenta anos em El Salvador. Foi consultor teológico do arcebispo Óscar Romero, assassinado em 1980, em favor de quem corre atualmente o processo de beatificação. Contudo, embora seja considerado herdeiro espiritual de Romero, em 2001, o cardeal Ratzinger, como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, lhe instaurou um processo de impugnação às suas doutrinas.

Mas o que causou especial escândalo e protestos em todo o mundo foi a 'Notificação' da Congregação para a Doutrina da Fé, em

março de 2008. Ela, na realidade, não continha nenhuma proibição expressa de ensino ou publicação. Vedava, contudo, a Jon Sobrino o ensino teológico em qualquer centro de estudo católico. A Congregação censurava-o por, nomeadamente em seu livro 'Jesus, o Libertador', ter acentuado demasiado pouco a divindade de Jesus.

Que esta punição tenha ocorrido alguns dias antes da publicação do livro do Papa 'Jesus de Nazaré' e três meses antes da abertura, por Bento XVI, da Conferência Episcopal da América Latina em Aparecida, não é tido por muitos como mero acaso. Era, além disso, a primeira condenação do magistério no pontificado de Bento XVI.

Todavia, a Teologia da Libertação não está morta. Três décadas de perseguição de Roma não puderam reduzi-la ao silêncio, como o demonstrou a impressionante solidariedade mundial com Jon Sobrino de um sem-número de professores de Teologia, de universidades e de comunidades religiosas.

O internacional e sumamente respeitado teólogo de Tübinga, Peter Hünermann, declarou, em abril de 2008, que a 'Notificação' do Vaticano era um 'choque' para todos os teólogos, pois, com Sobrino, sentavam-se no 'banco dos réus respeitáveis exegetas e teólogos sistemáticos - tanto católicos como evangélicos'."

Luís Guerreiro

CASO LUGO

Os acontecimentos no Paraguai com a revelação do que o Bispo Lugo é pai de vários filhos me fez escrever as seguintes linhas.

Imagine se as mulheres do mundo, que tiveram casos com padres e bispos, tivessem a coragem de falar e contar tudo como as mulheres de Paraguai. Se isso fosse acontecer quantos padres, pais de filhos concebidos em segredo vão ter a coragem de reconhecer a paternidade destes filhos? Pelo menos o Bispo teve a coragem de fazer isso. Quem sabe o caso dele vai iniciar uma onda de revelações e que a hierarquia vai ser obrigada a repensar a lei obrigatória do celibato.

Mas é bom lembrar ou saber que o caso do

Bispo Lugo não é um caso isolado e único. Alguns anos atrás um dos mais populares bispos da Irlanda teve que renunciar quando foi descoberto que ele teve um filho.

O que ninguém fala ou publica são os milhares de casos de padres que foram honestos e coerentes ao pedir a dispensa do celibato para casar. Estes padres não esconderam nada, eles disseram publicamente que "eu amo essa mulher e quero continuar minha vida com ela construindo uma família". Mas por causa da sua honestidade os mesmos padres foram punidos e foram proibidos de servir o povo como vigários e animadores de comunidades.

Vamos acabar com a hipocrisia. Tem padres nas dioceses que tem amantes, que tem filhos e que continuam no ministério ativo. Ao mesmo tempo, justiça seja feita, tem também muitos padres no ativo que são fiéis ao seu voto de celibato.

Se o celibato fosse facultativo, padres solteiros e padres casados podiam trabalhar juntos numa paróquia pelo bem daquela paróquia. Assim salvaria o celibato, para quem quiser, e ao mesmo tempo deixaria livre o padre que opta pelo casamento continuando no ministério servindo o povo.

Agora, claro, que se isso acontecer haverá pessoas que vão dizer que o padre casado não vai ter tempo para servir o povo, mas isso não é verdade. Tem padres solteiros, vigários de paróquias, que pela manhã são capelães de hospitais, capelães de freiras, que também fazem faculdade ou estudam uma língua estrangeira. Quer dizer: eles não estão dis-

poníveis o dia inteiro na paróquia; somente à noite, para celebrar uma missa ou fazer uma reunião.

Ao mesmo tempo há padres casados que podiam muito bem, além de ter seu emprego, para ganhar o seu sustento, fazer um trabalho pastoral numa comunidade da paróquia à noite e nos fins da semana. Imagine uma equipe de 3 ou 4 padres, solteiros e casados, trabalhando juntos cada um responsável por uma área da paróquia...

Que o caso do Bispo Lugo de Paraguai sirva para iniciar um sincero diálogo sobre a lei do celibato e que esse diálogo acabe de uma vez para sempre com essa vida dupla que todo mundo sabe existir e que não engana ninguém quanto menos o povo!

Bernardo Eyre

DIÁLOGO CONTROVERSO

UM PSEUDÔNIMO "peg", tendo recebido do Moderador do MPC um e-mail sobre Bento 16, assim escreveu: (To: João Tavares March 31, 2009)

Por favor, não me envie mais assuntos contra o Papa!... Quem somos nós, eu, você e os demais... para julgar?... Salve Maria! peg.

Resposta do Moderador:

Meu caro PEG, como o envio é em grupos e não individualizado, vou cancelá-lo da minha lista de "irmãos de caminhada".

Entendo que o que envio o possa perturbar. Mas garanto-lhe que muita gente da Igreja: Bispos, Padres, Irmãos e leigos engajados, recebem com gosto e me pedem para não deixar de mandar, pois precisam estar informados e olhar a realidade de frente, para, na medida do possível, tentar melhorá-la.

Minha luta não é contra o Papa, mas por uma Igreja onde o Vaticano II seja respeitado e o diálogo respeitoso com todas as religiões, a ciência e o mundo real de hoje seja respeitado.

Por outro lado, penso que nenhuma autoridade, por si só, merece respeito: só se cumprir bem o seu dever de bem servir. O que, em relação ao Papa Bento, está sendo amplamente questionado. E acho que com bastante razão.

De qualquer maneira foi bom me ter comunicado com você nestes anos todos

Um abraço e até... Da sua parte, pode continuar mandando, pois eu gosto e aprecio.

Um abraço fraterno

João Tavares

BALEIA E BORBOLETA

Jacques Noyer, bispo emérito de Amiens, França

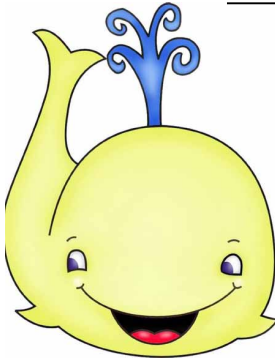
Não peço que se mude a Igreja. Peço que ela seja viva. Peço-lhe que permaneça fiel à sua missão, e que leve a palavra de Cristo aos nossos contemporâneos, que testemunhe o mundo renovado pelo Espírito. Não se trata de conservá-la como um tesouro, com o risco de fazê-la um reduto de costumes ultrapassados. Não se trata de remendá-la com alguma astúcia para que sobreviva a um ou dois invernos. Trata-se de que Ela encontre os gestos e as palavras que falarão de Deus ao mundo de hoje.

Ela é a minha Igreja. Não quero me dissimular dela. Assumo a sua história muitas vezes com orgulho, outras vezes com vergonha, mas sempre com resignação. Assumo tudo nela, o melhor e o pior, as cruzadas e os concílios de Alexandre VI e João Paulo II, a corte de Roma e os santos... Eu creio que esta história de homens, com seus heróis e seus relapsos, suas audácias e suas prudências, é santa pelo

Evangelho que ela carrega. Peço-lhe somente que permaneça na História sem se congelar no eterno. Peço-lhe que não sacralize seu passado a ponto de se fechar ao presente. Peço-lhe que renuncie aos sucessos mundanos e às vãs riquezas para não entristecer o Espírito que a chama.

Gostaria que ela tomasse consciência que é necessário que mude porque o mundo, que é o campo da sua missão, mudou. Gostaria que reconhecesse o trabalho do Espírito mais do que os traços do demônio. As novidades não são forçosamente valores que desaparecerão logo, mas frequentemente "sinais dos tempos", premissas do Reino. É preciso que abra as portas da esperança, ao invés de cultivar os arquivos da nostalgia.

Ela introduziu a escola para todos. Ensinou aos homens ler e escrever. Quis que o homem crescesse, mas se angustia hoje porque seu discurso não é mais aceito. O seu "catecismo" pode ser



muito rico e muito coerente, mas os adultos de hoje não esperam mais um catecismo. Esperam que ouça suas questões, ao invés de dar-lhes respostas. Preferem dialogar com Deus e não apenas que se fale d'Ele.

Denunciou os casamentos por interesse e as uniões arrumadas pelos pais. Defendeu a liberdade dos esposos e promoveu o amor no coração do casal. Mas sente-se muito surpresa, quando hoje não se aceita mais a fidelidade hipócrita de outros tempos. A Bíblia nos fala, entretanto, de uma



aliança de amor permanentemente traída e renovada.

Pentecostes reuniu a diversidade dos povos no mesmo espírito. A Igreja, e a Igreja Católica em particular, fez tudo para pacificar as fronteiras e encorajar os intercâmbios. Mas hoje ela se contenta em convidar as nações ricas a reconhecer suas raízes cristãs, ignorando a mistura de populações, que estimuladas ou não, atropelam os Estados, as consciências e as nações.

A grandeza da Igreja foi sempre ficar do lado dos pobres. Mesmo quando não conseguia levar a justiça, ela consola por sua caridade. Ainda hoje os cristãos es-

tão presentes na busca de uma política mais justa e nas ações emergenciais caritativas. É aí que compreendemos o Cristo. É aí que se esperam encontrar seus discípulos, mas os meios de comunicação se divertem enfocando a Igreja apenas através de um Pontífice desempenhando o papel de último monarca absoluto, com um cerimonial de outra época, longe dos problemas urgentes de seu público.

Um grito como este deverá ser dirigido a quem? Uma oração como esta, dirigir a que santo? Para que endereço enviar esta correspondência? Haveria alguma chance de se mudar alguma coisa?

O peso da administração vaticana - que não é um mamute, mas uma enorme baleia encalhada na praia - dá a impressão que nada pode despertá-la. Minhas palavras não farão mais ruído do que as asas de uma borboleta sobre o dorso da baleia, mas, apesar de tudo, sabe-se que um voo de borboletas, no hemisfério

sul, pode desencadear uma tempestade no hemisfério norte. E, além disso, há muitas borboletas. E no vento que elas provocam, sopra também o Espírito.

Por que não poderiam ser capazes de despertar a baleia? Se vier uma grande maré ou uma pequena tempestade, ei-la de volta à água, leve e viva.

Tradução de Francisco Pacheco, irmãozinho de Jesus, da Fraternidade Religiosa Carlos de Foucauld

OBS: Começa a pegar a moda de Bispos, em geral calados na ativa, quando se aposentam, comecem a ser Profetas. Melhor tarde do que nunca. Mas não deixa de ser muito estranho. Desta vez apresentamos o belo testemunho/aspiração de Jacques Noyer, bispo emérito de Amiens, França. Não sei se, na ativa, foi corajoso ou medroso, pastor ou burocrata. Quem vai despertar a baleia encalhada na praia e adormecida? Será que vai ser preciso um tsunami?

João Tavares

DECISÕES ANACRÔNICAS MOSTRAM INCAPACIDADE DE RATZINGER EM GUIAR O VATICANO

Ontã dos tambores não para. Depois de seu périplo africano e da polémica sobre a Aids e os preservativos, afirmar que Joseph Ratzinger é um papa cada vez mais questionado é uma obviedade. Fora da Igreja não param as críticas e os ataques. Na França e na Alemanha as pesquisas entre católicos já registram a palavra "demissão" e governos, cidadãos e ONGs demonstram claramente seu descontentamento. Dentro do Vaticano as coisas estão iguais ou piores. O papa alemão foi eleito pelos cardeais por sua alta inteligência. Mas, como diz o veterano vaticanista e escritor Giancarlo Zizola, "estes primeiros quatro anos de papado sugerem que, por mais que sua inteligência seja finíssima, ela não basta para governar a Igreja".

"Ratzinger é um prisioneiro da cúria, vive em uma espécie de Avignon, distante dos episcopados nacionais, sem apoio além do de sua pequena camarilha", explica Zizola, autor do livro "Santità e potere. Dal Concílio a Benedetto XVI. El Vaticano visto dal interno" [Santidade e poder. Do concílio a Bento 16. O Vaticano visto por dentro]. O sacerdote e jornalista Filippo Di Giacomo, durante 11 anos missionário no Congo, hoje juiz vicário em Roma, acredita que a crise que vive o Vaticano "reflete uma doença crônica de sete séculos: seu sistema de governo não funciona nem é colegiado". "A cúria moderna é uma máquina gigantesca, inoperante e inútil. Há 35 cardeais em Roma. Estão divididos em grupos, confrontados, e se dedicam a conspirar e cooptar afins pelos corredores", indica Di Giacomo.

Trata-se de uma batalha a toda regra, na qual os lados se mistu-

ram e se confundem. A revolta explodiu com o perdão aos bispos lefebvrianos. Um amplo grupo de bispos e teólogos moderados e conciliares (alemães, franceses e sobretudo latino-americanos), cansados de não serem levados em conta, fez ver seu descontentamento ao papa. Em resposta, este repreendeu a cúria por não atuar de forma "colegiada e exemplar".

- Zizola lembra que Wojtyła [João Paulo 2º] tentou revelar uma fratura que já existia, à base de carisma e de comunicação. Seu papado cresceu com a televisão e se transformou em uma espécie de Show de Truman, a primeira encíclica católica: o vimos envelhecer, derrubar o Muro de Berlim, sofrer atentados, viajar, beijar o chão do planeta várias vezes, agonizar ao vivo. Mas nem ele foi capaz de reformar o sistema de governo. "Preferiu escapar de Roma e esconder a crise da Igreja e o vazio de governo", diz Zizola.

Enquanto Wojtyła viajava, Ratzinger estuda e escreve. Muito mais isolado e na defensiva, o papa suporta mal que o contrariem. Sua carta aos bispos revelou que lhe desagradam sobretudo o desamor, a intriga, "o ódio e a hostilidade". Seu texto desenha uma cúria conspiradora, que aspira a mandar tanto ou mais que ele, que move os cordões na sombra, que filtra notícias, escondendo a mão, para se fazer valer. A sensibilidade peculiar de Ratzinger é uma parte do problema. Trata-se de um "pastor alemão" como intitulou "Il Manifesto" quando foi nomeado, ou é "um cordeiro no meio de lobos", segundo a expressão do Evangelho de Mateus?

Di Giacomo despachou com ele muitas vezes quando dirigia a Con-

gregação para a Doutrina da Fé: "Você pode lhe dizer qualquer coisa, desde que não eleve a voz. Se a aumentar meio tom, ele fazia seu sorriso estranho, fechava o caderno e ia embora. Diante dele não se pode ofender ninguém. É um democrata-cristão bávaro, e estes são raros. Podem ter idéias avançadas, mas se os outros não as seguem se assustam e freiam. Ratzinger é qualquer coisa menos um aventureiro. Por isso saiu da Universidade de Tübingen no dia em que encontrou os estudantes protestando atirados no chão. É um monge, e ninguém lhe disse a tempo que o mundo midiático não é uma classe universitária".

Em um texto publicado pela revista religiosa "Il Regno", Zizola lembrou que em 1965 o bispo brasileiro Hélder Câmara anunciou ao mundo durante o concílio a reforma da monarquia pontifícia, criando um senado composto por cardeais, patriarcas e bispos eleitos pelas conferências episcopais, para ajudar o papa no governo e convocar a cada dez anos um concílio ecumênico.

A reforma nunca foi feita. A cúria, a corte púrpura, essa entidade invisível e luxuosamente vestida, cujo poder sobrevive aos papas, jamais aceitou a democratização. Hoje dentro da cúria ninguém confia em ninguém. De um lado estão os influentes homens "do serviço", como se autodenominam os diplomatas da secretaria de estado dirigida por Tarcisio Bertone, o único que despacha diariamente com Ratzinger; de outro, os intelectuais orgânicos (jornalistas, professores, juristas, reitores...), alguns papistas e não muitos; e depois há a variada salada cardinalícia e episcopal dirigida pelos "di-

castérios" [grandes organizações]: nove congregações, 11 conselhos pontifícios, três tribunais e três oficinas. "Nos dicastérios estão os casos piedosos", diz Filippo Di Giacomo. "Desde Paulo 6º, o papa que internacionalizou a cúria e a recheou de excelência com os melhores cérebros dessa época, a decadência da equipe de governo foi constante. Wojtyła chegou a Roma em 1978 cheio de ódio contra a cúria, porque ninguém escutava os bispos do Leste Europeu, e trouxe todos os fracassados, os que não serviam para as dioceses", conta Di Giacomo. "López Trujillo, Castillón Hoyos, Martínez Somalo, Martino, Barragán, Milingo... gente insignificante. Depois tornou bispo seu secretário e lhe disse: 'Dessas bestas você cuida'".

Poderá este papa, mais tímido ainda, apaziguar esse rebanho de "gálatas que mordem e devoram"? Segundo Zizola, "o papa trabalhou durante o concílio na fronteira da renovação e sabe que o grande problema é a participação nula dos bispos no governo da Igreja. Alguns cardeais lembram que os bispos eram consultados mais frequentemente na época de Pio 12, antes do concílio, do que atualmente".

Perto do papa, concordam Zizola e Di Giacomo, está o deserto. Quatro freiras americanas que dirigem o departamento de informática e evitam que os hackers entrem no site. Seu secretário, o belo, alto e bávaro Georg Genswein, é considerado um zero à esquerda. "É um cretino", afirma sem rodeios um membro da cúria. O porta-voz, o amável jesuíta Federico Lombardi, e seus dois ajudantes não dão conta de apagar incêndios e que segundo se

diz serão substituídos em junho.

Os homens de confiança são ainda menos. O cardeal alemão Lehman, que culpou os mensageiros pelo desastre Williamson; Bertone, o secretário de Estado que também deixará seu lugar em breve devido à idade. Antonio Cañizares, prefeito da estratégica, segundo a visão de Ratzinger, Congregação para o Culto Divino. E o lituano Audrys Juozas Backis, que poderá substituir Bertone. Muito poucos para um homem de 81 anos com uma enorme carga de trabalho. "O grau de complexidade do cargo, com 1,1 bilhão de católicos, 6 mil bispos na ativa, relações ecumênicas e interreligiosas, viagens, encíclicas e relações de Estado, é insustentável para um homem só, inteligente como Ratzinger ou carismático como Wojtyła", diz Zizola.

Por isso há muitos bispos em guerra. Enquanto Ratzinger salta de um pântano para outro, a Igreja moderada, progressista e conciliar não aguenta mais. Segundo Zizola, o poder da Opus Dei, como nos tempos de Wojtyła e Navarro Valls, continua enorme. Di Giacomo não acredita que seja tanto. Mas a máquina de enredar está funcionando. Com o perdão dos lefebvrianos, o papa desprezou as correntes de sinal oposto, especialmente a Teologia da Libertação, que o mesmo freou há 25 anos. Ao fundo, já se fala em um possível substituto, o cardeal de Honduras Óscar Andrés Rodríguez Maradiaga. Mas isso a cúria decidirá.

Miguel Mora
Em Roma (Itália) - 31.03.2009

Tradução:
Luiz Roberto Mendes Gonçalves



POBROLOGIA, PTOCOLOGIA OU CRISTOLOGIA?

CONTINUAÇÃO DA EDIÇÃO 209

O general Videla dizia "Cristo é Senhor". O general Pinochet dizia "Cristo é Senhor". Era fé? Ou era blasfêmia? A elite latino-americana que oprimiu os povos durante 500 anos sempre proclamou: "Cristo é Senhor". Era ato de fé? Ainda é ato de fé? Este é o nosso problema. Os teólogos latino-americanos afirmaram: quem pode dizer "Cristo é Senhor" com sinceridade, como expressão de toda a sua vida, são os pobres. Daí o lugar central dos pobres, que não afeta em nada o lugar central de Cristo, pelo contrário, o confirma.

Os poderosos proclamam "Cristo é Senhor", mas a sua vida diz: "Senhor, sou eu!" O grito de Paulo "Cristo é Senhor" é um protesto contra todos os "Senhores", uma denúncia da opressão, um desafio lançado contra os que se acham os Senhores. É uma negação de todos os poderes opressores. Há somente um Senhor!

O papel da teologia não consiste em buscar quais são as palavras que expressam a fé, mas o que é a fé realmente vivida.

Pois, não se entende Jesus a partir da teologia, seja ela de libertação ou de prosperidade. A questão não é saber o que significam as palavras atribuídas a Jesus nas celebrações ou na teologia. Não se trata de entender as palavras escritas na Bíblia para entender a realidade. Jesus aparece no seu verdadeiro sentido, como realidade, a partir de uma situação na qual o cristão se assimila a ele. Vivendo o que ele viveu, se pode entender. Somente os pobres dizem de modo autêntico "Cristo é Senhor!" Todos os outros podem dizer as palavras corretas que no seu caso, somente expressam figuração, imaginação, sensibilidade, até comédia. A piedade pode enganar muito, criando a ilusão de fé quando se trata de uma fantasia mental, ou de uma fórmula administrativa de um bom funcionário que é pago para dizer essas coisas.

Quem não é pobre, pode aprender dos pobres, com a condição de ser muito humilde. Jesus viveu a impotência, a fragilidade dos pobres. Para entendê-lo é preciso entrar na mesma condição.

Jesus Cristo é o centro do Reino de Deus, o centro de toda a história da salvação, o centro de cada vida de discípulo. Mas não se trata do nome "Jesus Cristo", mas da realidade. Ora, essa realidade de Cristo somente se manifesta a quem vive nele, com ele, fazendo a mesma experiência humana. Por isso há uma centralidade da pobreza como acesso à centralidade de Jesus Cristo.

Isto não é novidade. Em todas as fases da história da Igreja



ja houve cristãos que entenderam bem isso. Na América latina, depois de séculos de dependência e de passividade colonial com os olhos fechados sobre a condição dos índios ou dos negros, houve um despertar. Os olhos abriram-se. Bispos, sacerdotes, religiosas, religiosos, leigos e leigas, converteram-se quando descobriram a realidade da humanidade e o vazio da sua religião.

Por isso houve a Conferência de Medellín que foi como o descobrimento de Jesus Cristo na sua realidade, na sua presença. Era preciso descobrir os pobres para descobrir Jesus Cristo. A Conferência de Medellín foi preparada pelo Pacto das Catacumbas. No dia 16 de novembro de 1965, poucos dias antes da clausura do Concílio, 40 bispos do mundo inteiro reuniram-se na catacumba de Santa Domitila em Roma e assinaram o Pacto das Catacumbas. Cada um se comprometia a viver pobre, a rejeitar todos os símbolos ou os privilégios do poder e a colocar os pobres no centro do seu ministério pastoral. Não era comédia, porque já estavam agindo assim. Nesses quarenta havia um número importante de brasileiros e latino-americanos e, mais tarde, outros subscreveram também.

Alguns acham que a opção pelos pobres é expressão de caridade para com os pobres. Acham que significa amor aos pobres. É isso também, mas é secundário. A grande questão é o conhecimento de Jesus Cristo. O que é conhecer Jesus? Onde e como se conhece Jesus Cristo? A centralidade dos pobres vem do fato que os pobres entenderem o que é Jesus Cristo. Não se quer dizer que todos os pobres fazem essa experiência, mas que o conhecimento se faz dentro dessa condição. Nós podemos aprender deles. Nada vamos aprender nocionalmente, mas vivencialmente.

A centralidade dos pobres não compromete em nada a centralidade de Cristo. Pelo contrário, permite que se entenda melhor.

Um sacerdote pode ser um bom funcionário do culto, que celebra com muita piedade, sempre bem comportado, um desses padres que nunca dão problema ao bispo. Mas não entende nada. Provavelmente nunca teve oportunidade de aprender. A culpa não é dele.

Por outro lado, nos evangelhos Jesus identifica-se com os pobres. O que se dá aos pobres é dado a ele. A sabedoria popular transmitiu fielmente esse ensinamento. Encontrar um pobre no caminho é encontrar Jesus Cristo. O problema aparece nas grandes cidades. A gente encontra tantos pobres que é impossível evocar Jesus Cristo cada vez. Somente alguns podem fazer isso.

Por outro lado, muita gente tem dificuldade em aceitar que a consideração dos pobres muda toda a cristologia, como muda a pneumatologia, a eclesiologia e as representações usadas para falar de Deus. Muda toda a teologia tradicional, pelo menos no Ocidente. Isto não pode surpreender. A cristologia tradicional concentrou-se em torno dos dogmas dos 4 primeiros Concílios, e da teoria anselmiana da redenção. Isto quer dizer que era muito parcial, muito particular, centrada em poucas questões. Historicamente, novas questões aparecem que obrigam a situar tudo de uma nova maneira. Novas leituras da Bíblia fazem com que apareçam novas perspectivas.

É significativo que os bispos da geração de Medellín, os padres que os seguiram, tiveram que passar por uma conversão. De repente, descobriram que a teologia que tinham aprendido no seminário escondia uma parte da realidade e

que fatos evidentes obrigaram a descobrir, por exemplo, o que a Bíblia diz dos pobres.

Um obstáculo é o preconceito de que Jesus anuncia uma boa nova para todos. Ora ele anuncia uma notícia péssima para os ricos que vão perder tudo, para os sacerdotes que vão perder o templo e desaparecer, para os doutores cuja ciência se torna irrelevante, para os fariseus cuja santidade fica desmascarada, para Herodes.

A boa notícia é para os pobres, os desarmados, os perseguidos. Mas sucede que muitos cristãos fazem questão de apagar as diferenças e lêem o evangelho como se se dirigisse a todos igualmente, como se Jesus falasse para os homens em geral, sem nenhuma referência à sua situação, assim como fazem os filósofos gregos. O próprio documento de Aparecida apresenta o evangelho como boa notícia válida para todos, sem nenhuma diferença. De fato, para quem estudou somente a teologia tradicional, não há problema. Para eles o evangelho é o mesmo para todos, embora os textos bíblicos e inúmeros documentos da Tradição manifestem a cada página que não é verdade. A teologia podia esconder o evangelho. Desconfio que ela não era completamente inocente, mas que tinha alguns motivos menos religiosos para silenciar certos aspectos dos evangelhos.

Um dia um camponês do sertão pernambucano disse-me: "Eu sou alfabeto, mas quando ouço o vigário explicar o evangelho, acho que ele não lê tudo, porque o que lê, sempre dá razão a ele". Esse camponês era muito inteligente. Pois o vigário escolhe sempre o que é favorável a ele.

Claro está que Clodovis sabe tudo isso. Mas muitos leitores não sabem e podem ficar confirmados nos seus preconceitos. Continuarão achando que os pobres não têm nada a ver com a doutrina cristã, em particular com a cristologia. Pensarão como sempre que os pobres são objeto da caridade dos cristãos e os cristãos devem reconhecer esse dever de caridade. Como dizia um dia o cardeal Daniélou: "os pobres têm lugar num parágrafo de um artigo de um capítulo do tratado sobre a caridade". Os pobres seriam objeto da compaixão dos cristãos porque sofrem muito.

Se essa fosse a opção preferencial pelos pobres, esta seria totalmente inofensiva e irrelevante.

Os pobres não tomam o lugar de Cristo, mas eles têm um lugar especial, fundamental, central em Cristo. Que a teologia da libertação morra ou não, não importa. Mas depois de Medellín a teologia não poderá continuar sendo o que era.

Pe. José Comblin

OS RUMOS DE KENNETH SERBIN

Kenneth Serbin, professor de história na Universidade de San Diego nos Estados Unidos, passou longos anos no Brasil pesquisando diversos temas relacionados com a história da igreja católica no país. Ele está aos poucos publicando os resultados de seus estudos. Em 2001 publicou, pela Companhia das Letras, o livro 'Diálogos na Sombra', acerca de encontros mantidos entre bispos católicos e chefes militares com o intuito de abrandar a violência da repressão nos 'anos de chumbo'. Ele ainda reserva outros temas na algebeira, como a da história da esquerda revolucionária. Mas, neste ano, ele acaba de publicar o que talvez seja a mais importante colheita de dados reunidos por décadas de estudo: um vasto e impressionante levantamento da vida e das crises nos seminários brasileiros, sobretudo nas décadas 1970 e 1980 sob o título 'Padres, Celibato e Conflito social' (Companhia das Letras, São Paulo, 2008). O livro impressiona pelo material reunido: 213 entrevistas, pesquisas em 14 arquivos eclesiais, consulta em 63 revistas e relatório de nada menos de 1119 livros citados, 1027 notas no final dos capítulos, 61 fotos. Tudo isso é tão rico e tão diversificado que não há como comentar tudo em poucas palavras. Vale a pena comprar e ler o livro, pois muitos padres, padres casados e ex-seminaristas encontrarão nas páginas do livro de Serbin um auto-retrato que revela detalhes que eles mesmos desconhecem. Alguns se reconhecerão nas experiências da 'psicologia de libertação' (a experiência de 'Christus Sacerdos'), outros nas evocações do 'século de ouro' de seminários dirigidos por lazaristas (que o autor chama de 'vicentinos'), outros ainda nos processos da romanização ou ainda na história do Instituto de Teologia do Recife (ITER) e de Viamão e de muitos outros institutos de Teologia, espalhados pelo Brasil nos anos 1970-1980. Temos de agradecer o autor pela oferta de tanto material para aprofundamentos e questionamentos.

Aqui escrevo apenas umas palavras sobre a abordagem do celibato eclesialístico feita pelo autor. Ele considera, com razão, o celibato como um tema central da vida sacerdotal e é dentro dessa perspectiva que ele aborda a 'crise dos seminários', que agitou a igreja católica no Brasil nos anos 1970-80. Os seminaristas aparecem como inovadores, pois defendem a dimensão societária (não estreitamente eclesialística) do celibato. O celibato não é uma forma de espiritualidade ou de renúncia ao pecado, mas uma forma de se colocar a serviço da sociedade. É uma forma de disciplina em prol de uma revolução societária. Eis uma novidade que o livro de Serbin traz, em termos de história da igreja católica em geral. Pois a clássica definição do celibato é eclesialística. Nos seminários tradicionais, o celibato se baseia em argumentos morais e disciplinares. Na revolução dos seminários brasileiros de 1970-1980, o celibato recebe uma fundamentação societária, ele é concebido como fermento de mudança na sociedade humana como um todo, não apenas na igreja. Eis um enfoque que merece ser enriquecido por reflexões e aprofundamentos por parte do Movimento dos Padres Casados.

Eduardo Hoornaert.

ACREDITAR POR EXPERIÊNCIA PRÓPRIA

Para 26 de abril de 2009 - Páscoa

Não é fácil acreditar em Jesus ressuscitado. Em última instância é algo que só pode ser captado e compreendido desde a fé que o mesmo Jesus desperta em nós. Se não experimentarmos nunca "por dentro" a paz e a alegria que Jesus infunde, é difícil que encontremos "por fora" provas da Sua ressurreição.

Algo assim nos diz Lucas ao descrever o encontro de Jesus ressuscitado com o grupo de discípulos. Entre eles há de tudo. Dois discípulos contam como O reconheceram ao jantar com Ele em Emaús. Pedro diz que Ele lhe apareceu. A maioria não teve, todavia, nenhuma experiência. Nem sabe o que pensar.

Então "Jesus apresenta-se no meio deles e diz-lhes: "A Paz esteja com vocês!". O primeiro para despertar a nossa fé em Jesus ressuscitado é poder intuir, também hoje, a Sua presença no meio de nós, e fazer circular nos nossos grupos, comunidades e paróquias a paz, a alegria e a segurança que dá o sabe-Lo vivo, acompanhando-nos de perto nestes tempos nada fáceis para a fé.

O relato de Lucas é muito realista. A presença de Jesus não transforma, de forma mágica, os disci-

pulos. Alguns assustam-se e acreditam que estão a ver um fantasma. No interior de outros "surtem dúvidas" de todo o tipo. Há quem "não acredite, tal a alegria". Outros continuam "atônitos".

Assim sucede também hoje. A fé em Cristo ressuscitado não nasce em cada um de nós, de forma automática e segura. Vai-se despertando no nosso coração de forma frágil e humilde. Ao início, é quase só o simples desabrochar. Habitualmente, cresce rodeada de dúvidas e interrogações: Será possível que seja verdade algo tão grande?

Segundo o relato, Jesus fica, come entre eles, e dedica-se a "abrir-lhes o entendimento" para que possam compreender o que sucedeu. Quer que se convertam em "testemunhas", que possam falar baseados em sua experiência pessoal, e pregar não de qualquer maneira, mas "em Seu nome".

Acreditar no Ressuscitado não é uma questão de um dia. É um processo que, às vezes, pode durar anos. O importante é a nossa atitude interior. Confiar sempre em Jesus. Disponibilizar-Lhe muito mais espaço em cada um de nós e nas nossas comunidades cristãs.

José Antonio Pagola

ENTREVISTA DE FELIX SOBRE ASSEMBLÉIA DA CNBB

Correio Popular de Campinas, São Paulo.

Movimentos levam reivindicações

Movimento das Famílias dos Padres Casados estava representado e sugeriu flexibilização.

A pesar de movimentos e as sociedades de padres reivindicarem que o celibato passe a ser opcional, os bispos reunidos na 47ª Assembléia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em Indaiatuba, fizeram questão de enfatizar a importância do celibato na vida eclesial.

Para o arcebispo de Florianópolis, D. Murilo Krieger, na Igreja, o celibato é visto como uma imitação do estilo de vida de Jesus Cristo, que foi celibatário. "Aqueles que assumirem o celibato devem assumi-lo conscientemente. A Igreja apresenta o celibato, mas não obriga ninguém a ser sacerdote", disse D. Murilo.

No Brasil, há cerca de 6 mil padres que deixaram a Igreja para se casar, segundo estimativa do Movimento das Famílias dos Padres Casados, criado na década de 1970 para reunir homens que deixaram o



ministério para se casar. O grupo, que tem cerca de 2 mil integrantes, defende que o celibato passe a ser opcional, para que assim padres que decidam constituir família possam continuar a atuar na Igreja.

Hoje, o padre é obrigado a pedir dispensa do sacerdócio quando resolve se casar. "A Igreja precisa se renovar. Com a experiência na família, com problemas no trabalho, com filhos, podemos contribuir para a evangelização", disse Felix Batista Filho, presidente do movimento, que se ordenou em 1984 e três anos depois deixou o ministério para se casar. "Somos uma mão de obra formada e jogada fora", disse Batista Filho. O padre

entrou com processo na Igreja Anglicana para tentar voltar a exercer suas funções de sacerdote.

O movimento recebe apoio da Associação Nacional dos Presbíteros do Brasil (ANPB), que reúne 1,1 mil dos 18 mil padres do Brasil. Segundo o vice-presidente da entidade, padre Daniel Aloísio Hemkemeier, o celibato é uma lei imposta a partir do século 12. "Antes disso, todos eram casados, inclusive o papa", disse. Mesmo propondo o retorno dos padres casados à vida de sacerdote, a associação tem consciência de que a mudança será muito difícil. "Nossa idéia não é acolhida", disse o padre.

(FNS/AAN)

DEFICIÊNCIAS

"Deficiente" é aquele que não consegue modificar sua vida, aceitando as imposições de outras pessoas ou da sociedade em que vive.

"Louco" é quem não procura ser feliz com o que possui.

"Cego" é aquele que não vê seu próximo morrer de frio, de fome, de miséria, e só tem olhos para seus míseros problemas e pequenas dores.

"Surdo" é aquele que não tem tempo de ouvir um desabafo de um amigo, ou o apelo de um irmão. Pois está sempre apressado para o trabalho e quer garantir seus tostões no fim do mês.

"Mudo" é aquele que não consegue falar o que sente e se esconde por trás da máscara da hipocrisia.

"Paralítico" é quem não consegue andar na direção daqueles que precisam de sua ajuda.

"Diabético" é quem não consegue ser doce.

"Anão" é quem não sabe deixar o amor crescer. E, finalmente, a pior das deficiências é ser miserável, pois:

"Miseráveis" são todos que não conseguem falar com Deus.

"A amizade é um amor que nunca morre".

Mário Quintana (escritor gaúcho * 30/07/1906 - + 05/05/1994)



Sempre vejo anunciados cursos de oratória. Nunca vi anunciado curso de escutatória. Todo mundo quer aprender a falar... Ninguém quer aprender a ouvir.

Pensei em oferecer um curso de escutatória, mas acho que ninguém vai se matricular. Escutar é complicado e sutil.

Diz Alberto Caeiro que... Não é bastante não ser cego para ver as árvores e as flores. É preciso também não ter filosofia nenhuma. Filosofia é um monte de idéias, dentro da cabeça, sobre como são as coisas. Para se ver, é preciso que a cabeça esteja vazia.

Parafraseio o Alberto Caeiro: Não é bastante ter ouvido para ouvir o que é dito. É preciso também que haja silêncio dentro da alma. Daí a dificuldade: A gente não agüenta ouvir o que o outro diz sem logo dar um palpite melhor... Sem misturar o que ele diz com aquilo que a gente tem a dizer. Como se aquilo que ele diz não fosse digno de descansada consideração... E precisasse ser complementado por aquilo que a gente tem a dizer, que é muito melhor.

Nossa incapacidade de ouvir é a manifestação mais constante e sutil de nossa arrogância e vaidade. No fundo, somos os mais bonitos...

Tenho um velho amigo, Jovellino, que se mudou para os Estados Unidos estimulado pela revolução de 64. Contou-me de sua experiência com os índios: Reunidos os participantes, ninguém fala. Há um longo, longo silêncio. Vejam a semelhança... Os pianistas, por exemplo, antes de iniciar o concerto, diante do piano, ficam assentados em silêncio... Abrindo vazios de silêncio... Expulsando todas as idéias estranhas. Todos em silêncio, à espera do pensamento essencial. Aí, de repente, alguém fala. Curto. Todos ouvem. Terminada a fala, novo silêncio.

Falar logo em seguida seria um grande desrespeito, pois o outro falou os seus pensamentos... Pensamentos que ele julgava essenciais. São-me estranhos. É preciso tempo para entender o que o outro falou. Se eu falar logo a seguir... São duas as possibilidades.

Primeira: Fiquei em silêncio só por delicadeza. Na verdade, não ouvi o que você falou. Enquanto você falava, eu pensava nas coisas que iria falar quando você terminasse sua (tola) fala. Falo como se você não tivesse falado.

Segunda: Ouvi o que você falou. Mas, isso que você falou como novidade eu já pensei há muito tempo. É coisa velha para

mim. Tanto que nem preciso pensar sobre o que você falou. -- Em ambos os casos, estou chamando o outro de tolo. O que é pior que uma bofetada.

O longo silêncio quer dizer: Estou ponderando cuidadosamente tudo aquilo que você falou. E, assim vai a reunião. Não basta o silêncio de fora. É preciso silêncio dentro. Ausência de pensamentos. E aí, quando se faz o silêncio dentro, a gente começa a ouvir coisas que não ouvia. Eu comecei a ouvir.

Fernando Pessoa conhecia a experiência... E, se referia a algo que se ouve nos interstícios das palavras... No lugar onde não há palavras. A música acontece no silêncio. A alma é uma catedral submersa. No fundo do mar - quem faz mergulho sabe - a boca fica fechada. Somos todos olhos e ouvidos. Aí, livres dos ruídos do falatório e dos saberes da filosofia, ouvimos a melodia que não havia... Que de tão linda nos faz chorar.

Para mim, Deus é isto: A beleza que se ouve no silêncio. Daí a importância de saber ouvir os outros: A beleza mora lá também. Comunhão é quando a beleza do outro e a beleza da gente se juntam num contraponto.

Rubem Alves



JESUITA AMERICANO É CENSURADO POR ROMA

O Jesuíta americano Haight, antigo presidente da Catholic Theological Society of America, é proibido de ensinar e publicar.

Agência Latino-Americana e Caribenha de Comunicação

Antonio Carlos Ribeiro, Cidade do Vaticano, 12 de janeiro de 2009 (ALC)

O teólogo jesuíta norte-americano Roger Haight, 72, notificado pela Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé em dezembro de 2004 e acusado no ano seguinte de causar "graves danos aos fiéis", por causa do livro "Jesus, Símbolo de Deus", recebeu ordens de Roma para parar de ensinar e publicar sobre assuntos teológicos.

As restrições foram comunicadas aos sacerdotes jesuítas em fins de 2008. Os debates e encaminhamentos envolveram o Vaticano, a liderança jesuíta em Roma e a província de Nova Iorque, onde o teólogo atua. José de Vera, porta-voz da Ordem, confirmou a decisão, mas sugeriu que a penalidade pode ser abrandada.

Haight é ex-presidente da Sociedade Teológica Católica dos EUA e professor visitante no Union Theological Seminary, em Nova Iorque, uma tradicional casa de formação de teólogos fundada em 1836 como uma instituição presbiteriana e ins-



estudaram grandes nomes da teologia mundial.

A condenação do ex-Santo Ofício, responsável pelo controle confessional da teologia católica e que puniu 480 teólogos e teólogas durante o mandato do cardeal Ratzinger, hoje papa Bento XVI, determinou que ele fosse proibido de ensinar teologia católica, até corrigir seus supostos desvios. Diante da decisão, Haight foi removido de uma posição na Escola de Teologia de Weston, dos jesuítas, em Cambridge, passando a ensinar no Union, mas a recente ação da Congregação para a Doutrina da Fé deixa claro que ele não deve ensinar em nenhum lugar.

A notificação original do Vaticano de 2005 não restringia a possibilidade de Haight emitir novos documentos, mas depois de "Jesus, Símbolo de Deus" ele publicou diversos livros, entre os quais "Christian Community in History", "O Futuro da Cristologia" e "Dinâmica da Teologia", nos quais reiterou consistentemente as visões que provocaram a

censura inicial e fizeram parte das motivações para as novas restrições.

Para Haight, "Jesus, Símbolo de Deus" é uma tentativa de expressar as doutrinas tradicionais sobre Cristo e a salvação em uma linguagem apropriada à cultura pós-moderna. Em particular, o livro oferece uma leitura teológica positiva de religiões não-cristãs e figuras salvadoras.

Para Roma, o livro coloca em perigo doutrinas tradicionais sobre assuntos como a divindade de Cristo, a Trindade, o valor salvífico da morte de Cristo na cruz e a importância da Igreja.

"Jesus, Símbolo de Deus" gerou importante debate teológico, assumindo pressupostos e conclusões cristológicas consideradas fundamentais para o anúncio do evangelho na modernidade. Analistas vêem a obra como uma abordagem cristológica estimulante e julgam a decisão romana como excessivamente punitiva. Também se percebem resistências e dificuldades crescentes diante da submissão de teólogos a decisões estritamente apoloéticas e pastorais. "Isso é difícil de nos convencer", disse um jesuíta, justificado pelo argumento de que "não está claro qual o objetivo em fazer com que ele deixe a União, já que suas opiniões não representam mais a teologia católica oficial".

PADRE ANUNCIA SEU CASAMENTO NO DOMINGO DE RAMOS

Parabéns, Victor Hugo Casas, pela transparência de sua decisão - 07.04.09 | RD

Conta Clarín que em plena Missa de Ramos, o pároco de uma aldeia de Córdoba anunciou no domingo de Ramos que deixava os hábitos para formar uma família. Quando estava terminando seu ofício religioso, Víctor Hugo Casas, cura da paróquia de Saturnino María Laspiur, disse aos fiéis que deixava o sacerdócio: "Há questões do coração que não se podem parar. Quando um se enamora e começa a projetar mais além, pensando em uma família e filhos, é muito forte e creio que isso Deus o quer, porque ama a vida", foi a explicação que lhes deu o padre.

O povo recebeu emocionado a notícia, já que Casas é muito querido nesta aldeia de 2.500 habitantes. Em seguida viajou para avisar a seus pais que deixava a Igreja para formar uma família.

Casas explicou o porque de sua decisão: "Temos que crescer nisto como nas pastorais familiares. A Igreja necessita de uma abertura e temos que ser protagonistas desta história". E acrescentou: "Não nego que há pessoas que

podem viver seu celibato, porém também creio que a Igreja tem que crescer para que os sacerdotes possam optar".

Comentário de João Tavares:

Não fico feliz quando sei que um padre deixa o ministério, pois, para chegar a esse ponto, há, para os padres que são homens sérios, uma caminhada, às vezes bem longa, de muita angústia e muita dor.

Mas fico muito feliz quando, no ministério ou fora dele, sei que um padre íntegro, autêntico, responsável e coerente, busca novas maneiras de continuar a ser íntegro, autêntico, responsável, coerente e feliz. Mesmo que isso exija mudar de estado de vida. É precisa muito mais coragem para deixar o ministério do que para permanecer nele...



UM PAPA NA MAÇONARIA

Dentre os Papas, destacou-se pelo ódio anticristão contra a Maçonaria, Pio IX. Mostrou-se rancoroso contra a Instituição depois de Papa. Pio IX chamava-se Giovanni Ferretti Mastai. Ele foi Maçon, tendo pertencido ao quadro de obreiros da Loja Eterna Cadena, de Palermo (Itália). Sob o número 13.715 foi arquivada, em 1839 na Loja Fidelidade Germânica, do Oriente de Nuremberg uma credencial de que foi portador o Irmão Giovanni Ferretti Mastai, devidamente autenticado, com selo da Loja Perpétua, de Nápolis. Como Irmão, como Maçon, Giovanni Ferretti Mastai foi recebido na Loja Fidelidade Germânica.

O Irmão Ferretti nasceu em 1792. Passou dois anos no Chile, servindo como secretário do vigário apostólico Mazzi; foi Arcebispo de Spoleto em 1827, bispo de Imola em 1832 e foi elevado a Cardeal, em 1840, e eleito Papa em 1846. Confrontando-se as datas, verifica-se que, em 1839, quando o Irmão Ferretti foi fraternalmente recebido na Loja Maçônica na Alemanha, já era Bispo. Ascendendo a Papa, Giovanni Ferretti Mastai traiu seu Ju-

ramento, feito em Loja Maçônica, com a mão sobre o Livro da Lei e honrou a Maçonaria com o seu ódio, culminando com a publicação, em 08 de dezembro de 1864, do Syllabus, e em que amontou todas as bulas papais e encíclicas contra a Maçonaria, de que fizera parte.

A Loja Eterna Cadena, filiada à Grande Loja de Palermo, em 26 de março de 1846 considerando o procedimento condenável do Irmão Giovanni, resolveu expulsá-lo como traidor, depois de convocá-lo para defender-se. Sua expulsão foi determinada por Victor Manuel, Rei da Itália e de toda a Península e Grão-Mestre da Maçonaria da Itália, que decretou mais tarde, em 1865 sua expulsão da Ordem por ter excomulgado todos os membros da Maçonaria. Sua expulsão pelo Rei italiano e Grão-Mestre foi classificada como Perjúro. A Igreja Católica sempre tem procurado ocultar este episódio. Pio IX que tão ferozmente investiu contra os Maçons, sobretudo os da Itália, foi feito prisioneiro em 20 de setembro de 1870, pelos patriotas que lutavam e conquistaram a Unificação Italiana, tendo à frente vários Maçons inclusive, entre eles: Garibaldi, Mazzini, Cavour, Manzoni e outros. Ape-

sar de feroz inimigo da Maçonaria, que traiu, Pio IX foi tratado com consideração pelos Maçons, seus aprisionadores. Viram nele o antigo Irmão transviado e, embora fosse ele um Perjúro, prevaleceu o Princípio Sagrado de Fraternidade. Foi belíssima a lição de amor ao próximo, dada pelos Maçons ao Papa Pio IX.

Em consequência da bula Syllabus de Pio IX, contra a Maçonaria, é que surgiu no Brasil, a rumorosa Questão dos Bispos, também denominada Questão Episcopado-maçônica, quando Dom Vital, Bispo de Olinda, e Dom Antonio Macedo, Bispo do Pará, pretenderam que o Syllabus se sobrepusesse às Leis Civis Brasileiras, exigindo que as Irmandades religiosas eliminassem do seu seio os numerosos Maçons católicos que a compunham. As Irmandades reagiram e recorreram à Justiça, tendo tido ganho de causa. Os Bispos não acatarem a decisão da Justiça. Foram julgados e condenados a quatro anos de prisão, com trabalho forçado. Um ano e pouco depois o Duque de Caxias, Maçon, então Presidente do Ministério do Segundo Império, anistiou-os.

TRÊS BISPOS CASADOS

Se Jerónimo Podestà é o primeiro bispo casado, não sei se procede.

No Brasil, do que temos notícia, tivemos dois bispos que casaram:

D. Marcos A. Noronha, que foi bispo de Itabira - MG. Casou com Zélia. Falecido.

D. Caetano (Antônio Lima dos Santos), bispo de Ilhéus, que casou em 1969 com Maria Villas. Mora em Governador Valadares.

Jerónimo Podestà participou, com sua esposa Clélia, em muitos Encontros Nacionais dos Padres Casados do Brasil (MPC). Figura serena, fé sólida e profunda, idéias claras e coragem de as expor.

Um homem apaixonado pela Igreja-Povo-de-Deus e um ardoroso combatente por um clero sem celibato obrigatório, já que carisma não pode ser imposto. Se há, vem de dentro.

João Tavares

CARDEAL DE NOVA YORK PEDE O FIM DO CELIBATO

(RD/Agências, 23 de marzo de 2009)

Próximo de sua renúncia, o cardeal e arcebispo de Nova York, Edward Egan, disse que a Igreja católica deveria considerar o fim do celibato e permitir que os padres se casem.

"É uma discussão perfeitamente legítima", afirmou o cardeal Numa entrevista à Rádio Talk 1300.

"Há muitas igrejas orientais, católicas

romanas, nas quais se permite o matrimônio sem nenhum problema" concluiu o cardeal.

A Igreja católica se opõe há séculos que os padres contraíam matrimônio; inclusive, os últimos três Papas se recusaram a falar sobre o tema.

A controvérsia cresceu nos Estados Unidos. Em 2003 cerca de 200 padres pediram na Conferência dos Bispos dos Estados Unidos a consideração da idéia, já que o número de sacerdotes estava diminuindo.

AR E ANPB CAMINHARÃO UNIDAS

Armando esclarece e incentiva

Parabéns pela iniciativa de fazer que as duas Associações, AR e ANPB comecem o processo de uma caminhada conjunta. Certamente ela ajudará em muito que se aprofunde cada vez melhor a figura e a tarefa do presbítero na Igreja (independentemente se é casado ou célibe), particularmente na Igreja da América Latina, que a partir de Aparecida tomou decisão de deixar de lado a pastoral de manutenção (sistema paróquial) e ser uma Igreja de discípulos missionários.

Foi importante a ANPB ter lançado no Fórum o debate sobre Experiências dos Presbíteros e alternativas por um outro mundo possível. Aí se encaixa bem o mistério do padre casado e a discussão da

forma como este ministério precisa ser redescoberto no Ocidente.

Achei importante que a ANPB tivesse tomado esta iniciativa porque ela é a Associação Nacional de Presbíteros do Brasil e não dos Presbíteros. Se fosse dos Presbíteros automaticamente incluiria todos os Presbíteros e assim imaginaria que não teria tanta autonomia e liberdade. Sendo de Presbíteros é somente daqueles que se associam e bem por isso com mais liberdade e autonomia.

Também acho que foi importante que não tenha sido da Comissão Nacional dos Presbíteros - CNP. Ela é uma instituição que faz parte dos Organismos e Pastorais da CNBB e está no mesmo nível do Ceris, Ibrades, Caritas Brasileira, Cenfi, Cimi, CND (Comissão Nacional dos Diáconos)

etc. O atual presidente da CNP é o Pe Francisco dos Santos, de Minas Gerais (aliás ele estava no Fórum de Teologia).

Digo que é importante que a caminhada inicialmente seja com a ANPB, cujo novo Presidente é o Pe José Maria, lá de Belém, Paróquia do Mosquito. Ele nos acolheu em Belém e até nos convidou para uma visita à sua paróquia, que fizemos no sábado e domingo que antecederam o Fórum Social Mundial.

Só para elucidar, o 1o Encontro Nacional do qual Félix participou e os convites que eu e Altiva recebemos para participar do 11o e 12o Encontro Nacional dos Presbíteros foram promoção da CNP. Estes encontros contam com três padres por diocese. Neles a liberdade de pensar e falar não tem como ser muito ampla porque obviamente precisam

se enquadrar nas diretrizes que a própria CNBB precisa seguir e na vigilância da Nunciatura. No 12o Encontro D Cláudio fez a abertura, fomos apresentados a ele e até expusimos um pouco da caminhada do MPC, que ele ouviu com atenção e carinho. Neste 12o. foram votadas e aprovadas as propostas para a diversificação do ministério dos presbíteros, inclusive acolhendo o ministério dos padres casados e a ordenação de casados para o presbiterato. É claro que depois todas estas propostas não passaram na CNBB.

Estou comentando para dizer do acerto que este intercâmbio seja com a ANPB porque a liberdade de pensar, aprofundar, esclarecer é mais ampla e com melhores condições para prosperar. É claro que aos poucos a questão do presbiterato deverá ser abordada por to-

dos, bispos, padres e todo povo de Deus. Aliás, em Aparecida houve propostas muito abertas e que obtiveram uma votação que ultrapassou a metade dos votos, mas não alcançou os 2/3 regimentais, conforme me assegurou D. Zanoni Demetino Castro, bispo de S. Mateus-ES, à época padre que estava participando da V Conferência. Em todo caso o que passou está no No. 200 do documento de Aparecida e que até abre algum espaço para se caminhar. Enquanto isto creio que estudar Paulo, o trabalhador que anunciou o Evangelho, pode nos ajudar em muito para que possamos compreender que o presbiterato pode perfeitamente sair dos limites nos quais a história e as ideologias o encerraram e prosperar dentro das realidades que vivemos.

Armando

MPC UNE-SE À ANPB

Presidência da AR/MPC

Caro Padre José Maria, Presidente da ANPB.

Através do colega padre casado João Tavares recebi o vosso e-mail para, em nome da presidência da Associação Rumos e do Movimento dos Padres Casados do Brasil, estreitarmos nosso contato e amizade com a Associação Nacional de Presbíteros do Brasil.

Me congratulo com vossa eleição para a presidência da ANPB, entidade que prezo muito.

A Associação Rumos sempre manteve um bom relacionamento com a ANPB, inclusive com a presença de representantes, como o padre Alirio e outros, em nossos encontros nacionais. Também já participamos, como convidados, dos encontros nacionais da ANPB.

Desta forma, para iniciar um relacionamento mais ativo, apresento algumas propostas:

1) Vamos incluí-lo na nossa lista de assinantes do JORNAL RUMOS. Enviaremos, gratuitamente, 2 (dois) exemplares do nosso jornal para a presidência e secretaria da ANPB.

2) Penso que poderíamos propor a participação regular de representantes da Asso-

ciação Rumos/MPC nos encontros nacionais e regionais da ANPB. Sinto que não houve a mesma sintonia entre a direção nacional da entidade e os regionais em relação aos padres casados. No último encontro nacional do MPC, em Recife, por exemplo, foi nos comunicado que a diretoria nacional da ANPB seria substituída por padres da região Nordeste. Ninguém apareceu. Mas doravante esperamos contar com a participação de representantes da ANPB em nossos encontros. O próximo já está marcado para janeiro de 2010 em Ribeirão Preto, São Paulo.

3) Consulto sobre a oportunidade de enviar, por e-mail, a edição eletrônica do JORNAL RUMOS para os todos os padres da ANPB. Caso positivo, acompanhado de uma apresentação ou recomendação da diretoria da ANPB. Assim, não chegaríamos aos e-mails dos colegas sem permissão.

Entendo que temos muito a partilhar como irmãos no sacerdócio. Padres casados e solteiros podem caminhar juntos, ajudando-se mutuamente e, principalmente, contribuindo para construção de um mundo mais justo, solidário e fraterno.

Atenciosamente,

Félix Batista Filho, Presidente Nacional da Associação Rumos/MPC, Recife/PE

MFC APOIA MPC

Somos membros do MFC - Movimento Familiar Cristão - há algumas décadas. É um movimento de leigos, casados, solteiros ou viúvos, aberto à participação de cristãos de qualquer confissão religiosa, embora predominem os católicos. Está difundido há mais de 50 anos no Brasil e em mais de 40 países no mundo. É também um movimento de Igreja, mas não da Igreja. São leigos adultos, em geral com relações construtivas com a hierarquia e a CNBB, mas não dependentes dela. Por isso, podemos ser colaboradores e críticos.

O MFC é formado por grupos de famílias ou casais ou jovens, pequenas comunidades de 12 a 20 pessoas, que se reúnem regularmente para analisar, discutir, debater questões sociais, familiares, políticas, eclesiais, construindo solidariedades e assumindo compromissos con-

cretos de transformação e humanização da sociedade.

No nosso grupo de base, no Rio de Janeiro, somos 22 pessoas, dentre elas 6 padres casados. É portanto um grupo privilegiado, com muitos teólogos e filósofos (dentre suas esposas: psicólogas, assistente social, psicanalista, professoras...) e nós outros que não somos senão profissionais leigos de nascença.

Os padres casados que há anos convidamos para formar nosso grupo MFC foram "encontrados" através de um antigo catálogo que conseguimos do MPC, meio desatualizado.

O que lhes pedimos é um catálogo mais atualizado, para padres casados serem localizados e visitados e convidados a formar novos grupos de leigos (padres casados + não-padres), pelo MFC, não só no Rio, mas em outras cidades em que há MFC.

O que acham da ideia?

Foi colocada em reunião recente de lideranças do MFC e recebida com entusiasmo. Ficamos incumbidos dessa iniciativa. Fomos informados que há muitos outros padres casados em grupos do MFC em outras cidades e estados.

Recebemos regularmente, com interesse, o intercâmbio de correspondência do Grupo de Padres Casados. Batalhamos também há anos pela humanização da Igreja instituição, que inclui a revogação do celibato obrigatório dos padres, uma visão sadia e não castradora da sexualidade e da paternidade, e outros temas recorrentes.

Desejamos que Deus siga iluminando vocês na luta que aos poucos levará a mudanças humanizadoras essa instituição Igreja que poderia virar uma seita, como expõe a nossa amiga e teóloga Yvone Gebara.

Helio e Selma Amorim
helioamorim@globom.com

LUGO INAUGURA O PRIMEIRO DIÁLOGO INTERRELIGIOSO DO MERCOSUL

O presidente do Paraguai conta com a participação, entre outros, de dois teólogos brasileiros Leonardo Boff e Frei Beto. É reconfortante saber que novamente as organizações sociais respondem ao chamado de pensar juntos e de trabalhar em conjunto neste que pretende ser um Mercosul com rosto humano', disse Lugo durante o início do encontro convocado por seu Governo, que exerce a presidência semestral do bloco regional.

O chefe de Estado opinou ainda que 'o Mercosul não deve ser somente uma publicação quadriculada, com taxas e tarifas, mas deve constituir-se num horizonte de melhores dias para os homens e mu-

lheres que habitamos estes países'.

'Eu me perguntava frequentemente se o Mercosul, que tem a fachada de um edifício economicista e aduaneiro, poderia um dia consolidar-se como uma associação de culturas de diferentes povos', afirmou o presidente paraguaio.

Lugo teve a seu encargo o discurso de abertura do encontro de dois dias que reúne no Centro Cultural Manzana de la Rivera, em Assunção, representantes de várias organizações religiosas de Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, sócios plenos do Mercosul.

O mandatário compartilhou a sessão inaugural com o frade dominicano Carlos Alberto Libânio Christo, conhecido como 'Frei



Beto', e com o teólogo Leonardo Boff, ambos impulsores da Teologia da Libertação, que também abraçou Lugo quando atuava como bispo católico.

Beto destacou, durante sua alocução, que se deve evitar politizar os credos religiosos. Considerou, ainda, que a América do Sul vive atualmente uma 'primavera demo-

crática', ao referir-se aos "governos democráticos populares da região", os que, disse, são criticados constantemente pelos meios de comunicação. Neste sentido, afirmou que os meios 'se esquecem de uma coisa muito importante, que talvez os governos democráticos sejam as últimas oportunidades da América Latina para promover reformas estruturais pela via democrática e pacífica'.

Por sua parte, Boff, também destacado ecologista, exortou, entre outras coisas, a fomentar políticas para preservar os recursos naturais para reverter os fenômenos climáticos adversos que se registram no mundo.

(RD/Efe12.03.09)

CATÓLICOS PROGRESSISTAS EXIGEM UM MAIOR PAPEL DA MULHER NA IGREJA

Conta Alfons García em Levante que a mulher foi a protagonista do último encontro dos grupos católicos valencianos que reivindicam a renovação na Igreja.

Três teólogas foram as conferencistas no Fórum Cristianismo i Món d'Avui, que celebrou sua edição número 21. Inclui participação de várias mulheres na eucaristia final, concelebrada por cinco sacerdotes e na qual uma religiosa de uma comunidade cristã do bairro

de Nazaret assumiu a homilia com um testemunho sobre sua forma de entender a fé e a vida.

Esta prática contrasta com as habituais na liturgia católica, onde a homilia é exclusiva de sacerdotes ordenados, porém não é uma novidade no encontro anual dos cristãos valencianos de perfil progressista e nacionalista. Já nos dois anos anteriores optou por substituir a homilia tradicional pelo testemunho de uma mulher.

Nesta ocasião havia mais mulheres do que nunca no altar, dado que seu papel na Igreja era eixo do encontro: "Descubramos o rosto feminino de Deus" era o lema do fórum que teve lugar como cada ano no colégio Jesus e Maria de Valência. Há que ter em conta que as celebrações eucarísticas do Fórum, que não se realizam num templo, têm um marcado caráter aberto e participativo. "Contrastam com a Igreja machista, que exclui a mulher", declarou a este diário um dos

presbíteros que participou ativamente durante o encontro.

Esta foi a edição "mais numerosa" da história, com cerca de setecentos participantes, que encheram o salão de atos do centro, segundo informou a organização.

Lucía Ramón, Teresa Forcades e Ivone Gebara foram as três conferencistas este ano. Gebara é uma representante brasileira da Teologia da Libertação.

Fonte: Religión Digital 5 de março de 2009.



DO QUE SE ASSUSTAM TANTO?



Num periódico nacional abriu-se nas páginas ao diretor uma polêmica em torno do celibato dos padres, a propósito do caso do Presidente do Paraguai.

As justificativas para o celibato que venho ouvindo desde meus anos escolares são mais ou menos as mesmas: que um célibe pode dedicar-se a Deus e à comunidade em tempo integral enquanto que um homem casado não; (sobram inúmeros exemplos contrários: Martin Luther King, Ghandhi, Albert Schweitzer... todos casados e com família); que a sublimação do instinto sexual ou da libido freudiana nos leva a uma espiritualidade mais elevada e a nos aproximar-nos mais de Deus... isso também é pouco demonstrável, e cai por terra quando pululam os escândalos de pedofilia e afins no seio mesmo da instituição que fez do celibato um de seus traços distintivos e de suas obrigações mais severas.

Na realidade, os padres, ao menos os padres seculares não tiveram a obrigação do celibato durante muitos anos, dez séculos, para ser mais exatos. E nas igrejas cristãs orientais ainda se mantém esta tradição. Os párocos podiam ter esposa e procriar filhos com toda tranqüilidade.

O que ocorreu, então? No ano 1074 o Papa Gregório VII determina que todo homem que deseje ser ordenado deve fazer um voto de celibato. E logo, para reforçar a ordem de seu predecessor, em 1095 o Papa Urbano II toma uma medida muito desumana: faz vender como escravas as esposas dos padres e os filhos ficam abandonados. Sem comentários!

Segundo alguns estudiosos o celibato aparece como uma maneira de "concentrar" a atenção e as forças dos sacerdotes em suas funções como pastores e de apoio à obra de Deus na terra. Segundo outros, o problema era que o dinheiro que os padres ganhavam não retornava à igreja, pois era usado nos gastos da família; e, caso sobrasse algo, se convertia em herança para seus filhos.

O que surpreende é que hoje ainda há pessoas que defendem essas tradicionais argumentações. E eu me pergunto timidamente: far-se-ia o mesmo estardalhaço se Lugo tivesse tido filhos ocultos, sendo um bispo de tendência conservadora? Nem quero responder...

Lucrecia Maldonado

lmaldonado@telegrafo.com.ec - 5 de maio de 2009

PARTO NÃO É O COMEÇO, É UMA TRANSIÇÃO

"Quando é que começa a vida humana?"

Já dentro do útero, durante a gravidez, estão sendo programadas muitas doenças e traços de personalidade. Vivências traumáticas no útero podem influenciar netos e bisnetos: a capacidade de amar pode ser "transmitida" a várias gerações. Assim acreditam muitos cientistas hoje.

O parto não é um começo, é uma transição. A criança que nasce já sofreu a influência dos sentimentos e movimentos da mãe, a influência de ruídos, de estresse e do meio ambiente. Quando é que a vida humana realmente começa foi durante muito tempo assunto de especulações, acompanhadas de debates éticos e políticos. Agora uma nova pesquisa mostra que é justamente o tempo antes do parto que decide o caminho de uma vida inteira.

Existem muitas teses, mas ninguém duvida hoje de que a conexão de feto-mãe é muito mais estreita do que se pensava até agora. "Nenhuma experiência é jamais esquecida" diz Ludwig Janus, psicanalista e antigo presidente da "Internationalen Studiengemeinschaft für Pränatale und Perinatale Psychologie und Medizin" de Heidelberg. Médicos, psicólogos, parteiras e obstetras procuram, em colaboração, decifrar o segredo da vida antes do parto.

Que influências sofridas antes do parto podem levar a doenças ao longo da vida? Andreas Plageman, endocrinólogo do "Institut für Experimentelle Geburtsmedizin" da Ber-

liner Charité, tenta provar que grávidas obesas transmitem como herança a seus filhos a tendência aos diabetes. Segundo ele, isso não tem nada a ver com os genes: É o metabolismo da mãe que faz com que os hormônios do feto já antes do parto estejam sendo programados para a obesidade e a doença.

Um novo estudo da Rockefeller-Universidade de Nova York mostra que os fetos, que estão sendo alimentados com muita gordura através da mãe, desenvolvem células nervosas no cérebro que, na vida após o parto, fomentam a ansiedade por gordura.

Que o consumo de álcool e nicotina inibem o crescimento do feto, se sabe há muito tempo. Mas agora se sabe que, se uma grávida bebe ou fuma regularmente, não só o peso do nascituro é menor na hora do parto, de 300 a 1000 gramas em média; mas os estudos também mostram, que, mesmo que uma criança dessas esteja sendo muito bem alimentada após o parto, mantém um risco dobrado de, dezenas de anos depois, adoecer de uma doença de coração ou de diabetes. Evelyn Derhovanessian, da Universidade de Tübingen, junto com outros 130 cientistas, procura investigar como o estresse na vida do feto muda o seu sistema da imunidade após o parto. O projeto espera ter respostas até o ano de 2011.

No "Plazentalabor" da Universidade de Jena estudou-se a causa da crescente infertilidade das mulheres e, ao mesmo tempo, as consequências de di-

versas carências na organização da mãe para a saúde da criança. Se uma mãe, para não engordar durante a gravidez, come pouco demais, isso leva no feto a uma carência de Dopamina - e mais tarde ao Parkinson. Se a mãe sofre de falta de ferro, a criança mais tarde pode sofrer de asma.

Crianças que estão sendo amamentadas pela mãe sofrem menos de alergias mais tarde; o consumo de iogurte durante a gravidez também ajuda.

A questão de se o estilo de vida da mãe pode levar a esquizofrenia, à tendência à agressividade e à homossexualidade, ainda está em discussão. O perito Ludwig Janus diz que o que marca um feto também depende de suas bases genéticas. Mas ele tem a certeza de que a vida sentimental (emocional) da mãe também marca a vida sentimental (emocional) da criança. "Nós somos seres de relacionamentos - tudo que sabemos e podemos, aprendemo-lo somente através de contatos, diz Janus. A aceitação ou não aceitação do feto é a primeira e fundamental experiência de relação deste ser. O feto não é somente ligado ao mundo sentimental (emocional) da mãe através do cordão umbilical, mas também através de todos os sentidos (olhos, ouvidos, nariz etc.) dela. Se ela tem medo, o coração dela bate mais rápido, os vasos sanguíneos se apertam, o útero se contraí. Assim o espaço vital do feto se estreita, ele recebe menos oxigênio. É por este caminho que o pai também tem influência sobre o feto.

Os fetos reagem a ruídos e vozes, a movimentos bruscos da mãe e os vivem como negativos. Mães que sofrem intenso estresse emocional na gravidez, muitas vezes têm crianças hiperativas ou com dificuldade de concentração. Crianças não desejadas já no útero produzem bem menos oxitocina, o hormônio que ajuda nas relações interpessoais. Mesmo que estas crianças sejam adotadas por pais amorosos, eles pelo resto da vida têm oxitocina a menos, e, assim, menos habilidade para relações interpessoais. "A psicanálise trata do ser que já conhece a linguagem. Mas o grande desafio é a fase antes do parto, que nos marca definitivamente, e da qual nós não temos lembranças" diz Janus.

Crianças indesejadas têm mais medo na vida. Depressões, ataques de pânico e outras doenças muitas vezes já vêm da barriga da mãe, do tempo quando as redes de nervos são construídas, os hormônios são programados e o sistema imune é regulado.

O psicanalista Ludwig Janus ainda vê outras consequências: "A capacidade de uma interação social, a tendência para a criminalidade, mas também para pacificidade e empatia estão sendo "cunhadas" na fase antes do parto.

Conclusão minha: se isso é verdade, como se pode dizer que a vida humana somente começa após o parto???

(Traduzido e sintetizado por Irene Cacaís de um artigo de Petro Thorbrüetz, no "Der Spiegel" online de 04/01/2009).

OTON CARVALHO SALAZAR



Nascido em 08/10/1922, no MA. Faleceu dia 3 de maio p.p. Foi ordenado padre diocesano em 1950. Saiu em 1973, já com três filhas que nasceram em 1968, 1970 e 1971 - Maria Antonieta, Débora Maria e Raqueline. Casou com Maria de Lurdes Ribeiro Salazar. Foi Professor da UEMA (U. Estadual), onde ensinou Sociologia e ocupou vários cargos de relevo. Era conhecido como um professor muito sério e competente. Foi, várias vezes, Prefeito de Humberto de Campos MA, onde também foi Pároco. Na missa de sétimo dia, o padre celebrante convidou quem quisesse, que desse um testemunho sobre o Pe. Oton, "este nosso irmão sacerdote que tanto bem fez entre nós".

Igreja Católica ontem, pré-modernista

Em tese de doutorado, o Prof Luitgade Oliveira, em seu livro A Terra da Mãe de Deus, pela Editora Francisco Alves, identifica o movimento dos beatos e conselheiros do Brasil, a partir da matriz ideológica do padre Mestre Ibiapina. Aplicando a teoria de Antônio Gramsci, entende que estes líderes religiosos plasmaram e influenciaram um grupo social e, por isto, mesmo que analfabetos, entram na categoria de intelectuais orgânicos.

Depois de São Francisco de Sales, Padre Mestre Ibiapina foi o grande modelo na vida do padre Cícero como de todos os conselheiros e beatos, da época.

Em 1870, quando Cícero se torna padre, já Ibiapina está afastado do Ceará, onde a presença da autoridade eclesiástica tolhera-lhe todos os passos.

Enquanto não recebe uma paróquia, o Padre Cícero colabora como professor de Latim no Colégio Venerável Ibiapina, fundado e dirigido por José Marrocos e celebra nas capelas da região.

Padre Cícero não era um bronco. O acervo de conhecimentos do Padre Cícero entusiasmou o botânico alemão Philipp V que, a serviço da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas - do Ministério da Viação e Obras Públicas, passou no Juazeiro em 1921.

De sua viagem publicou o livro "Estudo Botânico do Nordeste", publicação daquele Ministério, em 1923. Na página 59 deste livro, se lê: "Naturalmente, para mim, se tornou de capital importância conhecer e falar com o Padre Cícero e tive o prazer de, à minha chegada, ser recebido e ter animada palestra com o mesmo. Este



velho, de real prestígio popular, deixou-me gratas recordações. Tratou-me com delicadeza e amabilidade. De fato, trata-se de um homem que dispõe de instrução e saber invulgares: aborda com igual facilidade a política e a história brasileira; tem conhecimentos profundos de história universal, ciência naturais, especialmente quanto à agricultura. (...)

Episódio prodigioso. Padre Bulhões, questionado um dia por uma paróquia por que não falava do púlpito condenando o Padre Cícero, respondeu: "Comadre, eu não sei quem é o Padre Cícero! Não conheço os desígnios de Deus para esse sacerdote. Além do mais, não sabendo de nenhum crime desse homem, prefiro não duvidar dos poderes de Deus." E contou a história de um padre seu amigo, vigário numa cidade da beira do S. Francisco, centenas de léguas distante do Juazeiro. Esse padre lembra um dia com o sino da igreja chamando para a missa. Como ainda estava escuro, pensou que o sacristão se enganara no horário e correu a adverti-lo. Chegando lá, encontra a igreja iluminada, cheia de gente, e um padre de costas

celebrando a missa. Espantado com o fato, ele se aproxima do altar para ajudar o padre que estava sem sacristão. E constata, cheio de assombro, ser o Padre Cícero. Este ainda era vivo, muito velhinho, no Juazeiro. Terminada a missa onde comungaram muitas pessoas, todas desconhecidas do vigário, este se dirige ao Padre Cícero: Como o Sr. está aqui, suspenso de ordem, tão distante do Juazeiro, quando chegou? O Padre Cícero lhe sorri respondendo: Meu amiguinho, você dorme demais!

Fala isto e desaparece da vista do vigário, juntamente com todos os assistentes da missa. A igreja fica às escurelas e o vigário tomado de terror tenta fugir aos gritos. Na carreira cai e fratura uma perna ficando ali, até à hora em que o sacristão o encontra deitado, sem coragem de se mover. Esse padre, que ficou defeituoso da perna, relatou pessoalmente o caso ao Padre Bulhões, quando este o foi visitar. Concluindo, afirmava Padre Bulhões: "Compreendeu, comadre? Era o Padre Cícero, em espírito, celebrando missa para as almas do purgatório, fora do Juazeiro!"

Joarez Virgolino Aires

MENSAGEM PÓSTUMA DE DOM HELDER CÂMARA

De: HelderCamara@ceu.com
Para: amigos e amigas

Queridos: estivesse entre vocês, a 7 de fevereiro comemoraria 100 anos de idade. Quis o bom Deus, entretanto, antecipar-me a glória de desfrutar Sua visão beatífica. Aliás, o Céu nada tem daquela imagem idílica que se faz na Terra. Nada de anjos harpistas e nuvens cor-de-rosa, embora a música de Bach tenha muita audiência.

Entrar na intimidade das três Pessoas divinas é viver em estado permanente de paixão. Arrebatado por tanto amor, o coração experimenta uma felicidade indescritível.

A propósito, outro dia, Buda, de quem sou vizinho, me contou esta parábola que bem traduz o caminho da felicidade: Numa feira da Índia, entre tantos restos de frutas e legumes, uma mulher fitava detidamente o chão. Viram que procurava algo. Um e outro perguntaram o quê. "Uma agulha". Não deram importância. Porém, quando ela acrescentou que se tratava de uma agulha de ouro, multiplicou o número dos que a

auxiliavam na busca.

Súbito, um deles perguntou: "A senhora não tem idéia de que lado da feira a perdeu?" "Não foi aqui na feira", respondeu a mulher, "perdi-a em casa". Todos a olharam indignados. "Em casa?! E vem procurar aqui fora?" A mulher fitou-os e retrucou: "Sim, como vocês procuram a felicidade nas coisas exteriores, mesmo sabendo que ela se encontra na vida interior".

O Céu é termo, o que não impede que experimentemos indignações. Jesus não fez a fome e a sede de justiça figurar entre as bem-aventuranças? Quando olho daqui para a Igreja Católica confesso que sinto, não frustração, mas uma ponta de tristeza. O papa Bento XVI não transmite alegria e esperança. Falta-lhe o profetismo de João XXIII e a empatia de João Paulo II.

Padres cantores atraem mais discípulos do que aqueles que se dedicam aos pobres, aos lavradores sem-terra, às crianças de rua, aos dependentes químicos. Nas showmissas os templos ficam superlotados, enquanto nos seminários o ensino de filosofia e teologia costuma ser superficial.

A vida de oração não é estimulada, muitos buscam o sacerdócio para obter prestígio social e, por vezes, o moralismo predomina sobre a tolerância, o triunfalismo supera o espírito ecumênico. Até quando homossexuais serão discriminados por quem se considera discípulo de Jesus?

Alegria-me, porém, saber que as Comunidades Eclesiais de Base estão vivas e se preparam para realizar o seu 12o encontro intereclesial, em Rondônia, no próximo julho. Dou graças a Deus ao constatar que o CEBI - Centro de Estudos Bíblicos - conta com mais de 100 mil núcleos espalhados pelo Brasil, integrados por gente simples interessada em ler a Bíblia pela ótica libertadora.

Preocupa-me, entretanto, a polêmica entre os irmãos Boff. Tanto Leonardo quanto Clodovis são teólogos de sólida formação. Não considero justa a acusação feita por Clodovis de que a Teologia da Libertação teria priorizado o pobre no lugar do Cristo. O próprio Evangelho nos mostra Cristo identificado com os pobres, como ocorre na

metáfora da salvação em Mateus 25, 31-46.

Francisco de Assis, com quem sempre me entretenho em bons papos, lembra que sem referência ao pobre, sacramento vivo de Deus, Cristo corre o risco de virar um mero conceito devocional legitimador de um clericalismo que nada tem de evangélico ou profético.

Tenho dito a São Pedro que sonho com uma Igreja em que o celibato seja facultativo para os sacerdotes e as mulheres possam celebrar missa. Uma Igreja livre das amarras do capitalismo, e na qual os oprimidos se sintam em casa, alentados na busca de justiça e paz.

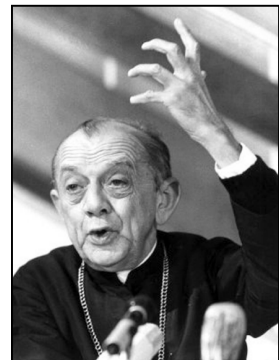
Quanto ao mundo, lamento que a fome, por cuja erradicação tanto lutei, ainda perdure, ameaçando a vida de 950 milhões de pessoas e causando a morte de cerca de 23 mil pessoas por dia, a maioria crianças.

Por que tantos gastos em formas de ceifar vidas, como armamentos, e investimentos que degradam o meio ambiente, como pesticidas, desmatamentos irres-

ponsáveis e cultivo de transgênicos? Por que tão poucos recursos para tornar o alimento - dom de Deus - acessível à mesa de todos os humanos?

Ao comemorarem meu centenário, lembrem-se dos princípios e objetivos que nortearam a minha vida. Malgrado calúnias e perseguições, vivi 91 anos felizes, pois jamais esqueci do que disse meu pai quando comuniquei a ele minha opção pela vida sacerdotal: "Filho, egoísmo e sacerdócio não podem andar juntos".

Frei Betto - Adital de São Paulo, 4/2/2009





AVANTE MPC!

1. Julgo o MPC uma medida agregadora e válida para esclarecer, fundamentar aspectos "particularizados" dos fatos históricos. Não, porém, uma instituição com finalidade e capacidade para mudar rumos de medidas oficiais e/ou oficiais da "disciplinação" de uma forma de vida que, sem valorizar a castidade, impõe um modo oficial de vivência celibatária como garantia de "vantagens" e dos interesses de um sistema de governo de airolás!

O MPC não deve morrer. Ele é um sopro de vida e de possível retomada dos valores evangélicos numa instituição que se deixou encarquilhar por interesses escusos.

2. O MPC tem por característica ser um barco de



pesca artesanal, dotado de pequenas redes, porém conduzido e coordenado por pescadores experientes - sem a empolgação de grandes nomes - que não pensam num crescimento institucional, mas num programa de manutenção da fé, da esperança e da caridade. Creio que será importante mantê-lo durante e depois do 18º

Encontro Nacional de janeiro 2010 em Ribeirão Preto SP.

3. O MPC somos nós, que ainda acreditamos até mesmo na possibilidade de gratificante ação da conversão dos dirigentes eclesiais.

Nada de desânimos: joguemos nossa rede do outro lado do barco!

Zé Vicente

XVIII ENCONTRO DO MPC

INSCRIÇÃO:

Titular da conta: Juliana Palumbo
Banco do Brasil: 001 (Banco do Brasil)
Agência: 4392-3
C/C: 7224-9

ENCONTRO MPC RIBEIRÃO PRETO DE 13 A 17 DE JANEIRO 2010

Dia 13 INÍCIO às 18 horas - JANTAR

Dias 14, 15, 16 - DIÁRIA COMPLETA

DIA 17 - ALMOÇO - TÉRMINO às 14 horas

A casa oferece roupa de cama e banho.

Café da manhã - lanche - almoço - lanche da tarde - jantar e chá da noite.

VALOR das diárias - R\$ 220,00 POR PESSOA. O pacote inteiro.

É NECESSÁRIO COMPRAR O PACOTE INTEIRO.

Para quem pagar até agosto será mantido este valor da diária.



HUMOR

PREGOS GARCIA

Um português abre uma filial de sua loja de pregos em Roma.
Como a propaganda é a alma do negócio, fez um outdoor com a figura de Cristo pregado à cruz e embaixo estava escrito:
'Pregos Garcia - 2000 anos de Garantia'.
Foi aquele rebuliço.
Um Bispo foi pessoalmente conversar com o português e explicar que não podia fazer aquilo, que era pecado mortal...
Então o luso resolveu fazer um novo outdoor.
Colocou Cristo com uma das mãos pregadas na cruz e a outra solta, dando tchauzinho. Embaixo estava escrito:
'Adivinhe em qual mão foi usado o Prego Garcia???'
Meu Deus do Céu!!! Até o Santo Padre saiu do Vaticano e foi conversar com o português:
'Que heresia meu filho! Não se pode usar Jesus Cristo como garoto propaganda...
Inventa outra coisa e retire isto já!!!'
'Então vou fazer um novo outdoor, sem o Cristo? - pensou o português.
Colocou a foto da cruz vazia e embaixo estava escrito:
'Se o Prego fosse Garcia, o gajo não fugia! ...



Assine ou renove

CONTA BANCÁRIA DA AR

BANCO DO BRASIL

Agência 3243-3, Conta 21077-3
Para assinatura ou renovação do Jornal RUMOS (30,00) ou para se tornar sócio da Associação Rumos - AR (120,00)

Comunique imediatamente, através de e-mail, ao nosso tesoureiro Mateus Hande: matthande@hotmail.com
Ou por carta para Mateus Hande: Rua Engenheiro Teófilo de Freitas, 30, aptº 402, Derby - Recife-PE. CEP 52.016-190



HANS KÜNG E JOSEPH RATZINGER



Instituto Humanitas
Unisinos 11/3/2009

Os caminhos paralelos de dois ex-amigos, Hans Küng e Joseph Ratzinger, que, com o tempo, se tornaram caminhos tão divergentes. João Tavares

O Vaticano tirou do teólogo suíço Hans Küng a licença para ensinar teologia devido às suas críticas a João Paulo II. Agora, o teólogo coloca no alvo de suas memórias um dos seus antigos companheiros da Universidade de Tübingen: Joseph Ratzinger, hoje Bento XVI.

O jornal espanhol El País, 08-03-2009, publicou alguns extratos de Verdad controvertida, segunda parte das memórias de Hans Küng, livro editado na Espanha pela Editorial Trotta. A tradução é do Cepat.

Sempre esperei que me fosse concedido viver a sucessão de João Paulo II no Pontificado. Esta esperança se cumpriu, mas num sentido totalmente contrário ao que eu e todos os que aguardávamos um Papa na linha de João XXIII e do Concílio Vaticano II teríamos desejado (...) Quase todos os meus grandes companheiros de fadigas na renovação da teologia e da Igreja desde os tempos do Concílio estão mortos ou se aposentaram, salvo um. E esse foi eleito Papa. Joseph Ratzinger é Bento XVI.

(...) Ambos somos marcados pelos movimentos juvenis. O que, para mim, evoca entranháveis lembranças de uma juventude

com excursões às montanhas, gincanas, competições e uma vida livre, que incluía a prática regular da oração em comum e eucaristias preparadas especialmente para jovens: um movimento juvenil católico livre, felizmente, de ideias nazistas. A ele, pelo visto, não lhe restou outro remédio que tornar-se membro da homogênea juventude estatal, da juventude hitlerista. As terríveis experiências que vive durante os últimos meses de guerra na defesa antiaérea, no serviço social masculino, na breve mobilização militar e na permanência nos campos norte-americanos de prisioneiros de guerra correspondem com as de meus companheiros alemães de estudos nascidos em 1927-1928 no Collegium Germanicum de Roma.

O enraizamento na Igreja católica nos brinda a ambos, nestes confusos tempos de ideologias totalitárias, uma pátria espiritual, uma orientação cosmovisional e um apoio moral. Ambos somos entusiastas coroinhas. Mas para ela a Igreja in situ é representada pelo tradicional pároco do lugar e pelo arcebispo de Munique; ao passo que para mim quem a visibiliza é um assistente do movimento juvenil - nada convencional em sua conduta, forma de vestir e mentalidade, um pregador da Boa Nova que convence com a palavra e os fatos - sem cuja influência mais de uma dezena de jovens nunca teria sido sacerdote católico. Minha Igreja não é tanto uma Igreja de idosos como de jovens. Também Ratzinger se

decidiu pelo sacerdócio, mas sem conhecer um assistente de jovens com essas características; só por isso, seu ideal sacerdotal é mais tradicional, estático e hierárquico que o meu. Impressionado com o cardeal vestido de púrpura, o jovem Joseph disse a si mesmo que gostaria ser "algo assim".

Por um tempo nossos caminhos tinham seguido um curso em grande medida paralelo: as trajetórias vitais de dois teólogos que, não obstante todas as afinidades familiares, culturais e nacionais, são muito diferentes em sua estrutura psíquica e, desde muito cedo, adotam uma posição inteiramente divergente sobre a liturgia, a teologia e a hierarquia católicas e, em especial, a revelação e o dogma. Duas pessoas que, a despeito destas diferenças ou talvez por causa delas, se respeitam e valorizam mutuamente e, evidentemente, reconhecem o outro como teólogo católico na força da fé e na intelectualidade próprias de cada um.

Joseph Ratzinger não mudou. Não se faz nenhuma injustiça a ele quando se afirma: simplesmente ficou parado no tempo! Ele quis ficar ancorado: na Igreja e na teologia latinas antigas e medievais, assim como ele as conheceu e aprendeu a amar em seus estudos através de Agostinho e Boaventura, assim como em sua ascensão pela escala do poder hierárquico. O teólogo Ratzinger contribuiu pouco para a evolução da teologia, nem sequer em seu livro sobre Jesus.